

PARA SEMPRE

Luís Guilherme de Andrade Leal

1ª Edição

2013 - Todos os direitos reservados

APRESENTAÇÃO

A amizade.

A força da amizade.

Quando duas pessoas se unem para enfrentar as duras condições de uma Guerra Mundial, nada pode ser mais forte.

Esta é uma história de companheirismo, de força, de luta, de dor e de alegrias.

No momento militar mais importante da história brasileira, o exército enfrenta as mais rigorosas condições em território italiano lutando contra o exército nazista. É a Força Expedicionária Brasileira. Baseado em depoimentos e fatos reais, o livro retrata com emoção algumas das principais batalhas do exército brasileiro na Segunda Guerra Mundial.

Ambientada neste cenário, a história tem como principal aspecto mostrar a vida dos soldados brasileiros. Não só angústias e sofrimentos, mas também seus ideais e esperanças. O livro busca ressaltar o lado humano até mesmo em uma guerra.

Emoção e sentimentos pessoais aliados à grandeza de um fato histórico.

Está é a fórmula deste livro.

CHEGADA AO RIO DE JANEIRO

Carlos, um jovem de 18 anos, caminha sério na praia de Copacabana. Ele estava chegando de viagem apenas com a sua mochila nas costas e veio se apresentar no quartel da Força Expedicionária Brasileira. Carlos, um caipira do interior paulista, anda pelo calçadão. Depois resolve entrar na areia. Tira os sapatos, levanta a barra da calça e começa a andar na borda da água. Ele sente a água fria do mar em seus pés e sente uma estranha sensação de prazer junto com a preocupação de saber o que iria enfrentar e saber que talvez ele nunca mais pudesse sentir essa sensação do mar em seu corpo. Após um tempo andando, ele se senta na areia e fica ali só apreciando as ondas do mar. Depois ele se levanta. O horário para se apresentar ao quartel estava se aproximando. Ele caminha até a rua, coloca novamente os sapatos e vai andando em direção a um bar. Em uma das ruas por onde ele passa, ele vê um senhor sentado na frente de um pequeno muro de uma casa. O senhor está ouvindo um radinho de pilha. No momento que Carlos passa na frente da casa, se ouve no rádio:

- O Governo está reunindo todas as divisões da tropa no Rio de Janeiro. A partida para a Europa deverá ser breve.

Finalmente ele vê um bar na esquina seguinte. O Bar do Zé. Entrando no bar, ele percebe a presença de alguns soldados. Ele se anima. Já dentro do bar, ele vê uma mesa com cerca de cinco soldados. Ele vai se aproximando com um certo receio e com uma voz trêmula e fraca, pergunta:

- Vocês também são pracinhas da FEB?

Já bêbado, Gustavo que era um dos soldados da mesa, toma a frente na resposta e fala:

- Somos e quem quer saber?

Carlos se assusta, mas responde mesmo assim:

- Não... é que... é que eu estou chegando do interior para me apresentar no quartel também.

Todos na mesa soltam gargalhadas e Gustavo retruca:

- Você!?!?! O exército brasileiro precisa de homens e não de moleques assustados como você.

Carlos, triste, se vira e vai embora.

PARTIDA

Algumas semanas se passam. Carlos e a tropa passaram por diversos treinamentos antes da tão esperada partida para a Europa. Mas nesse tempo todo Carlos, que era muito tímido, ainda não tinha conseguido fazer amizades. Ele ainda se sentia muito isolado de todos.

Então, no amanhecer do dia 2 de julho de 1944, o navio General W. A. Mann estava pronto para zarpar para a guerra. No porto, poucas pessoas estavam dando adeus aos soldados. A partida era secreta. E os pracinhas no navio retribuíaam as saudações. A escolta do navio era feita pelos destroyers brasileiros Marcílio Dias, Maris e Barros e o Greenhalgh.

Após a partida, Carlos vai para a proa do navio. Ele está sozinho e pensativo olhando para o horizonte. O Rio de Janeiro estava ficando para trás e o porto se distanciando.

Então, o capitão Guimarães, a pessoa que Carlos conseguiu ter um bom contato desde sua chegada ao Rio, vê Carlos e resolve ir até lá. Quando ele chega lá, diz:

- Carlos, tudo bem com você, soldado?

- Tudo, senhor.

- O que acontece com você? Sempre te vejo sozinho e isolado? Você está com algum problema? Às vezes penso que você não queria estar aqui. Justamente você que sempre foi um dos meus melhores soldados nos treinamentos militares. Eu não consigo entender.

Uma breve pausa e o capitão continua.

- Sabe, Carlos, eu realmente me preocupo com você. Você é uma pessoa de muito valor. Só gostaria de poder ajudá-lo.

Uma longa pausa. Quando o capitão estava quase desistindo e se vira para ir embora.

Carlos se pronuncia:

- O senhor tem razão. Às vezes penso que realmente não queria estar aqui.

Com um olhar surpreso do capitão, Carlos segue falando:

- É lógico que sinto orgulho de fazer parte deste grupo e de defender meu país, mas...

- Mas o quê, rapaz? Fale-me.

- Eu tenho medo e sinto um vazio enorme, pois eu sei que chegando lá, mais cedo ou mais tarde, eu terei que matar pessoas. Pessoas que como eu, são inocentes, mas por diversos motivos, são meus inimigos. E eu nem mesmo as conheço. Isso é muito triste, capitão.

- É, Carlos. A guerra é triste, mas teremos que enfrentá-la com bravura.

- Isto que eu tentarei fazer, senhor. Pode apostar.

Os dois se olham e ao fundo já aparece o Pão de Açúcar se afastando ao amanhecer.

A TROPA E O NAVIO

O navio avança pelas águas do Oceano Atlântico. E em breve avançará do calor escaldante das águas equatoriais aos primeiros ventos de frio cortante das terras europeias. E os soldados sentirão de tudo nessa viagem. O que irá avançar também é a vontade dos pracinhas para começar a batalha. Mas enquanto isso, em uma roda de alguns deles na popa da embarcação, Vito, que era músico, está com o seu violão tocando algumas músicas.

Na rodinha estão Gustavo, Augusto, Silva e o cabo Vicente. Há uma pausa na música e Gustavo começa uma conversa sobre amenidades e sobre o futuro. Todos estão muito animados.

- Itália! Aqui vamos nós – diz ele.

Augusto também se anima e grita pulando em cima do grupo.

- É isso aí! Vamos acertar alguns nazistas!

O sargento Souza chega para colocar ordem no seu pelotão. Ele diz:

- Silêncio, rapaziada! Não estamos em uma festa!

- Desculpe, sargento – diz Augusto.

E Silva interrompe e fala com o sargento:

- Nós estamos contentes, senhor. Finalmente a guerra vai começar e poderemos mostrar a que viemos, não é mesmo?

- Vamos provar que estamos preparados e bem treinados – completa o cabo Vicente.

Augusto reforça:

- Isso mesmo. Vamos mostrar a todos que não somos a “Força Estacionária” como muitos dizem por aí. Mas que somos a grande “Força Expedicionária Brasileira”!

- Fiquem calmos! A nossa hora de vencer vai chegar – diz Guto.

Nesse momento, Vito inicia os primeiros acordes de um samba, mas interrompe e fala:

- Eu só sei de uma coisa. Eu vou tocar esse sambinha em Berlim!

A música recomeça e todos começam a cantar e festejar animados. A música segue e o anoitecer vai chegando. Após o jantar, quando Carlos chega ao local do seu beliche, percebe que seu “vizinho”, por coincidência, era justamente Gustavo. Carlos jamais tinha se esquecido do acontecimento no Bar do Zé e lembrava muito bem do rosto daquele soldado chamado Gustavo. Mas por sorte, durante os treinamentos, jamais cruzou com ele. Mas agora, teria que enfrentar novamente a situação. Tentando passar indiferença por mais essa situação, Carlos procura nem mesmo olhar para o lado e só se concentrar

em suas coisas. Abre seu saco e arruma suas coisas para dormir. Alguns soldados já estavam deitados. E Gustavo, que também já estava lá, age com certa arrogância no olhar para Carlos, apesar dele não lembrar direito do ocorrido no bar. As luzes se apagam e todos dormem.

Na manhã seguinte, todos estão tomando o café da manhã no refeitório e, por azar, Carlos esbarra a bandeja com sua comida no tenente Pereira. Desde que Carlos havia chegado ao quartel no Rio de Janeiro, o tenente sempre arrumava coisas para implicar com ele. Muito irritado, o tenente grita.

- Mas o que é isso, soldado???

O tenente, sem nenhum motivo aparente, solta um soco no rosto de Carlos. Imediatamente o soldado vai ao chão. Gustavo também estava no refeitório próximo de Carlos. Neste momento, Gustavo se levanta bruscamente numa tentativa de ajudar Carlos, mas desiste quando o tenente o intima:

- O que foi? Nem tente ajudá-lo. Quer ter o mesmo fim que ele??

Gustavo se senta novamente e o tenente fala.

- Sargento Souza, um dia de reclusão para este soldado – diz ele se referindo a Carlos. Mesmo sabendo que o tenente estava errado, o sargento cumpre as ordens. Ele ajuda Carlos a se levantar e mesmo com um ferimento no nariz, Carlos é levado diretamente para a reclusão sem passar na enfermaria. Após ser trancado na cela, Carlos ferido e apenas com um algodão no nariz, chora sozinho.

No dia seguinte, quando Carlos sai da reclusão, logo encontra Gustavo fumando no convés. Quando Gustavo o vê, logo joga o cigarro no mar e fala:

- Carlos, eu estou querendo falar com você.

Carlos responde:

- Olá. Tudo bem. O que quer?

Então os dois começam a caminhar pelo convés em um dia ensolarado. E Gustavo toma a iniciativa novamente.

- Bom... primeiro eu queria me desculpar com você. Ontem vendo aquela cena no refeitório com o tenente, eu me lembrei quem você era. Você era aquele soldado que um dia entrou em um bar de Copacabana e nós zombamos de você, não era?

- Era eu mesmo.

- Você entende, não é? Naquele dia nós estávamos completamente bêbados. Eu queria também que você soubesse que durante essas semanas de treinamento no Rio de Janeiro, apesar de não termos contato, eu vi o seu empenho e sua qualidade nos treinamentos e aprendi a admirar você.

- Tudo bem. Aquela coisa do bar é passado agora, Gustavo. O que importa para mim é o futuro. Não vou negar que fiquei chateado aquele dia, mas já passou.

- Agora eu entendo, sabe, Carlos. Eu sempre gostei de me sentir superior. Mas os treinamentos me mostraram que isso não importa. O que vale isso em uma guerra?

- Nada, não é Gustavo – diz Carlos soltando um leve sorriso.

Gustavo acende outro cigarro. Carlos, que havia parado de caminhar, diz olhando nos olhos de Gustavo:

- Agora o melhor a fazer é se concentrar no que nos espera na Itália.

- É melhor mesmo – concorda Gustavo – Pode parecer besteira, mas estou ficando com medo de saber que a guerra está se aproximando para nós. Tenho medo do que teremos que enfrentar lá.

- É, eu também não sei o que encontraremos lá, mas somos uma equipe e temos que ficar unidos.

- É meu amigo – diz Gustavo – Você tem razão. Posso te chamar de amigo, não é?

- Claro que pode, amigo – fala Carlos.

Os dois se abraçam.

EXERCÍCIOS E CONVERSAS DE BATALHA

Mais alguns dias se passam nas águas do Atlântico. O navio já está nas águas do nordeste brasileiro. E de repente o alarme soa alto. Nos alto falantes, se escuta:

- Todos aos postos de combate! Postos de combate!

Os soldados se assustam, pois era o primeiro exercício de guerra no navio e ele está sendo feito sem aviso prévio. Alguns chegam a acreditar que se tratava de uma batalha real.

Correrias e os soldados começam a se preparar para a batalha. Carlos é um dos únicos que mantém a calma e vai perguntar para o sargento o que realmente estava acontecendo. Ele precisa gritar porque o local estava uma bagunça.

- Sargento, o que está acontecendo? Vamos ser atacados?

- Não, soldado. É apenas mais um treinamento. Mexa-se!

Carlos, então, segue com tranquilidade para o seu posto de combate.

Mais alguns dias se passam e no fim da tarde, Carlos está novamente na proa olhando agora o pôr do Sol no mar. Gustavo chega para conversar:

- Fala amigo – diz Gustavo.

- Eu estava aqui pensando, Gustavo. Estaremos chegando em Nápoles em alguns dias. E daqui para frente será tudo para valer mesmo. Sem treinamentos. Tudo de verdade. Bombas, tiros, mortes. É difícil pensar nisso.

- É verdade – concorda Gustavo.

Os dois são interrompidos pelo tenente Pereira. O tenente se aproxima e fala:

- Soldado, daquela vez você se safou, mas eu estou de olho em você. Eu estou na sua cola. Não se esqueça disso, hein?

Carlos interrompe:

- Tenente, posso lhe fazer uma pergunta com sinceridade?

- Faça, soldado.

- O que o senhor pensa que está fazendo?

Gustavo interfere desta vez e faz Carlos desistir da discussão. Ele diz:

- Esqueça isso, Carlos. Vamos embora daqui.

Gustavo puxa Carlos e o tenente sorri ironicamente observando os dois se afastando. Já distante do tenente, Gustavo fala:

- Cuidado, Carlos. Você não percebe que o tenente só está querendo encontrar uma forma para poder te prejudicar e te punir ainda mais. Não aceite provocações. Pense nisso, tá?

- Obrigado. Gustavo. Você está certo mesmo.

CHEGADA NA ITÁLIA

A rota que a frota naval fazia era secreta por motivos óbvios. Evitar encontros desagradáveis com os inimigos nazistas. E ninguém mesmo sabia ao certo a rota, exceto os poucos oficiais responsáveis pela navegação. Só se sabia que os navios começavam a se aproximar do seu destino porque a frequência das rajadas de ventos frios e cortantes aumentava a cada hora.

E após dias só vendo o infinito horizonte do Atlântico, eis que surge na frente de todos os primeiros sinais de montanhas. Seria já a Itália? Não, afinal seria preciso passar antes pelo Estreito de Gibraltar e navegar mais um tempo até o destino final. Seria então Gibraltar? Não parecia ser a silhueta daquele famoso rochedo que os pracinhas estavam vendo. Eram morros de curvas macias. Logo mais a cidade de Tanger surge para todos na forma de um amontoado de casas claras com um campanário comprido no meio e um único edifício alto no centro que era o hotel da cidade.

Mais um pouco essa paisagem fica para traz e aí sim surge o famoso rochedo de Gibraltar. Como as notícias no navio chegavam com atraso, sempre ficava aquela expectativa de saber se a bandeira hasteada no rochedo quando a embarcação passasse por lá seria a vermelha nazista ou a azul, branca e vermelha britânica. Mas naquela altura da guerra ninguém mais esperaria uma bandeira nazista por lá. De fato, por binóculos, podia-se ver o belo tremular da bandeira britânica no alto do rochedo.

Neste instante, ouve-se o capitão Guimarães falar em alto e bom tom para todos ali por perto do pelotão do sargento Souza:

- É, por aqui não passa mais nenhuma agulha nazista.

Logo depois, percebe-se uma movimentação da escolta. Esse é um momento emocionante a bordo. É o momento de troca da escolta. Os cruzadores e os destroyers brasileiros que acompanharam o navio transporte desde o Rio de Janeiro se despedem passando quase rente ao transporte com suas tripulações em posição de continência. Pouco a pouco eles vão sumindo em direção ao infinito azul enquanto novas embarcações americanas se aproximam rumo ao Mediterrâneo. Vendo a cena da bandeira brasileira de um dos destroyers desaparecendo aos poucos, o sargento Souza diz:

- Esse é o último pedaço do Brasil que veremos por um bom tempo.

E assim foi o caminho nos dias que viriam a seguir. Novos navios e, por vezes, aviões ingleses e norte americanos sobrevoando o transporte em águas mediterrâneas bem mais mansas do que as atlânticas.

E às 7 da manhã de um destes dias, os soldados estão no convés e percebem o continente se aproximando novamente. Seria a Itália agora? Sim. A imagem é bela com o Vesúvio e sua fumaça surgindo no horizonte. O frio continuava penetrante e o horizonte estava cinzento. O navio se aproxima do porto de Nápoles. A zona portuária estava muito destruída e o navio brasileiro atraca logo após o almoço.

Os soldados brasileiros começam a desembarcar após receberem diversas instruções de como se portar na hora de pisar em solo italiano. Haveriam muitos jornalistas e instruções foram dadas do que deveria ser dito e do que não deveria ser dito.

Os italianos recebem a FEB com uma pequena banda composta por soldados americanos. Já os soldados brasileiros jogam cigarros para os italianos que estavam ao seu redor gritando “Cigarreti” e ouvindo os moradores locais os chamarem de “Tedesco”. “Tedesco” era uma palavra que fazia referência aos soldados alemães. Eles gritavam isso porque o uniforme do exército do Brasil parecia muito com o uniforme dos nazistas.

Diversos fotógrafos também estavam registrando o momento. Carlos, Gustavo e o pessoal do sargento Souza, seguem juntos para o caminhão que os levariam para o acampamento. Eles fazem parte do 6º regimento de Infantaria.

O acampamento e o quartel do Brasil ficavam em uma localidade chamada Agnaro. O lugar é uma cratera de vulcão extinto. Seu solo é constituído de uma poeira fina e cinza. O calor neste dia era intenso. O caminhão chega até o local. Os soldados e os amigos Carlos e Gustavo chegam ao alojamento. Todos estão se socializando e conversando no pátio central. Entre eles, Vito, Augusto, Silva e Dinho.

Começa anoitecer e o pessoal do sargento Souza vai jogar baralho. Entre uma jogada e outra, a conversa sobre a guerra, as famílias e a vida rola solta. Os soldados estão sentados em roda em uns banquinhos de madeira próximos da entrada do alojamento. Todos estão rindo.

- Essa piada realmente é muito boa, Dinho – diz Gustavo.

- É isso aí – reforça Carlos.

Augusto então diz:

- Vito, você que tem família aqui na Itália, bem que podia nos apresentar umas primas suas. O que você acha da ideia?

- Realmente essa não é uma boa ideia – diz Vito meio contrariado.

Augusto com seu jeito despachado, brinca mais:

- Mas que isso, Vito? Vamos conhecer umas priminhas suas. Garanto que elas não vão se arrepender.

Após breve pausa em que todos dão risadas, Augusto continua:

- Elas não sabem o que é viver, Vito. Elas não me conhecem ainda.

- Vejam só – diz Gustavo – Olha só a modéstia do nosso bom amigo.

- Além do mais – fala Vito – a minha família é de Milão. Estamos muito longe de lá. Para chegar ainda teremos que matar muitos alemães pelo caminho.

- Então o que estamos esperando? Que venham os alemães! E como recompensa, que venham depois as primas do Vito – brinca novamente Augusto.

Todos dão gargalhadas. E Silva diz depois:

- Pessoal, me disseram que há um lugar aqui perto mesmo em Nápoles muito bom para conseguir diversão fácil, se é que vocês me entendem...

Risos sarcásticos de todo o pessoal.

- Podemos aproveitar essa folga de hoje e ir até lá – conclui Silva.

- Acho uma ótima ideia – diz Gustavo – Vamos lá, pessoal!

Todos concordam e já vão se levantando, menos Carlos que prefere ficar no acampamento e continua sentado. Gustavo vê isso e diz:

- E você, Carlos? Não vem?

Após uma breve pausa.

- Não, Gustavo. Hoje eu prefiro ficar aqui e escrever uma carta para a minha família.

Carlos se levanta, olha o pessoal já em festa se afastando e entra no alojamento.

Vários dias se passam com a tropa brasileira ainda na região de Nápoles recebendo treinamento da tropa americana. Nos treinamentos, os brasileiros recebem instruções de oficiais americanos e conhecem o funcionamento das suas armas e equipamentos. Tudo isso para deixar os nossos soldados totalmente prontos para a batalha que estava por vir.

A PRIMEIRA PATRULHA

O dia era 16 de setembro de 1944 e as tropas brasileiras já tinham deixado há tempos a região de Nápoles e estavam se aproximando do front da guerra na cidade de Massarossa.

Ainda de madrugada, o sargento Souza chega ao alojamento com ordens superiores. Todos estão dormindo, mas o sargento os acorda dizendo:

- É isso aí, rapaziada. Chegou a hora. A guerra vai começar para a gente. Temos uma ordem para realizarmos a nossa primeira patrulha.

Às 7h00 da manhã, toda a equipe do sargento Souza (o cabo Vicente, Carlos, Gustavo, Augusto, Dinho, Silva e Vito) já estava de prontidão no pátio aguardando ordens para sair em patrulha. O sargento sai do QG dos oficiais e vai em direção à sua tropa. Alguns outros sargentos fazem o mesmo com seus soldados. Ao chegar na frente de todos, Souza diz:

- Iremos fazer um reconhecimento nas proximidades da cidade de Massarossa. Nossas tropas do front nos informaram que a presença de alemães na região está apenas em pontos estratégicos de defesa. Nossa missão é localizar estes pontos para podermos invadir posteriormente a cidade com maiores chances de vitória.

Uma breve pausa e o sargento continua a falar:

- Eu quero uma formação de dois homens na frente, dois atrás e o restante no meio. Eu irei na frente. Carlos você vem comigo. Cabo, você e Gustavo vão atrás.

Os soldados se arrumam nessa formação e o sargento conclui:

- Todos prontos! Vamos lá! Me sigam!

A patrulha do sargento inicia o trajeto rumo à cidade. A ordem do comando era de ocupar a região de Massarossa naquele dia mesmo. Mais no fim da manhã, começa a cair um chuva constante e monótona e isso dificultava o avanço e o trabalho de reconhecimento dos soldados.

Andando já há algum tempo na chuva em uma estrada rumo ao front, o sargento Souza percebe a presença de um homem parado há cerca de um quilômetro à frente na estrada. O homem parecia ser um camponês italiano. O sargento fica em pé parado e diz:

- Eu preciso de cobertura pessoal. Carlos, vá para a direita da estrada e me acompanhe por dentro do mato.

Carlos faz o que o sargento pede e Souza começa a caminhar lentamente em direção ao homem estranho na estrada. Cerca de 500 metros de distância do homem, o Sargento

para novamente. O homem que também vinha andando em direção ao sargento também para. Dali para frente a cada 100 metros ambos paravam um pouco numa tentativa de tomar todas as precauções no reconhecimento. O clima estava tenso. E assim eles foram se aproximando cada vez mais. Carlos seguia junto no meio do mato escondido. Quando os dois homens estavam cerca de 50 metros um do outro, o sargento Souza ouve o homem cantando o hino nacional brasileiro.

- Ouviram do Ipiranga...

Se por um lado, o sargento ficou mais calmo por ouvir o hino, ele também ficou tenso, pois poderia ser uma armadilha dos alemães. Entretanto, ele só iria descobrir se ele fosse falar com o homem. Nesse instante o estranho fala: - Calma, soldado brasileiro.

No susto, o sargento saca o seu revólver. Carlos ao lado embrenhado na mata, faz o mesmo. O homem continua a falar:

- Calma, eu também sou brasileiro.

O sargento Souza ainda desconfiado, mas ciente que o homem era realmente brasileiro, pois não tinha sotaque algum, guarda a arma e pergunta:

- Qual é o seu nome?

- João – o homem responde.

- Eu quero provas de que você é brasileiro mesmo – fala Souza.

- Hoje eu moro aqui, mas nasci em São Paulo. Você conhece? – pergunta o homem.

- São Paulo!? Se você é de São Paulo mesmo, qual é a catedral da cidade?

- Catedral da Sé.

Os dois então se cumprimentar e o sargento fala:

- Pelotão, pode vir! Está seguro.

Enquanto a tropa se aproxima, os dois parecem estar falando sobre as coisas da sua cidade natal, visto que o sargento também era de São Paulo. Quando todos chegam, Souza diz:

- Este é o João. Ele é brasileiro. É de São Paulo.

Todos ficam surpresos e o cumprimentam. Após as saudações, a conversa segue:

- Mas e os alemães? – Souza pergunta preocupado para João – Os famosos “tedescos” estão nas proximidades?

- Eles não estão por aqui na cidade. Eles estão posicionados em cima dos morros. Em posições estratégicas. Aqui embaixo é raro ver algum.

- João então você poderia nos guiar por aqui?

- Eu gostaria, mas não posso. É perigoso. Você me entende, não é? De qualquer forma, estão vendo aquele morro ali. Lá vocês poderão pegar alguns alemães.

- Bom, obrigado então e boa sorte – o sargento agradece.

- Para vocês também. Estou torcendo por vocês – se despede João.

O homem segue o seu caminho e a patrulha brasileira faz o mesmo. Só que em sentidos opostos.

A CASA E O CELEIRO

Mesmo sabendo da presença alemã naquele morro, a patrulha brasileira não se intimida e sobe o morro assim mesmo. Tinham que fazer aquele reconhecimento para a posterior invasão de Massarossa. Na formação 2 x 6 x 2, eles continuam seu avanço. A chuva aumenta e a subida é cada vez mais difícil até que eles se deparam com um casebre e um celeiro já quase no cume do morro. O sargento diz:

- Fiquem todos na retaguarda. Eu vou verificar.

O sargento Souza vai pelos fundos da casa. A porta dos fundos estava apenas encostada. Então ele abre sem esforço e sem fazer barulho. Começa a vistoriar os cômodos e não encontra nada. Na saída, ele olha para o celeiro e com uma expressão de muita preocupação, resolve ir até lá.

Ele entra no celeiro então com cuidado. Faz a vistoria e não encontra nada, mas quando já está quase saindo, ouve alguns passos e vozes se aproximando. Vai até a janela e olha por uma fresta. Sua expressão é de completo terror. Ele vê três soldados alemães se aproximando pelo outro lado do morro. Por sorte, eles ainda não haviam percebido a presença do brasileiro.

Ao se afastar da janela de costas olhando para os alemães, o sargento tropeça em um ferro e os alemães percebem a presença dele. Agora ele não tinha mais opção. Sabia que tinha retaguarda e então, resolve atirar. Saca a arma e atira através da janela acertando um dos três soldados, que cai logo em seguida.

Entretanto, quando se dá por si novamente, ele já está na mira de um alemão atrás dele. Ele ouve um tiro e se prepara para morrer fechando os olhos. Quando abre os olhos novamente, vê Gustavo chegando e o segundo alemão caído no chão. Mas atrás de Gustavo já estava o terceiro alemão. O sargento que estava de frente vendo a aproximação do alemão ainda tenta avisar Gustavo:

- Cuidad....

Ouve-se mais um tiro. Era Carlos chegando para salvar a vida de seu amigo Gustavo. Logo em seguida, o sargento ordena:

- Vamos embora daqui! Agora!!

Ao sair, eles percebem que uma outra patrulha alemã estava se aproximando, mas como os alemães não tinham o ângulo de visão mais adequado, os brasileiros passam despercebidos e descem correndo o morro.

Mais tarde, mas bastante cansado, o pelotão do sargento Souza chega ao quartel de volta da patrulha. Antes que o sargento pudesse descansar, ele é chamado pelo capitão Guimarães que pergunta:

- Sargento, como foi sua patrulha?

- Capitão, encontramos uma patrulha alemã em um casebre no alto de um morro bem aqui ao sul de Massarossa – fala ele apontando a localização exata no mapa na sala dentro do barracão do capitão – Matamos três, senhor – finaliza ele.

- Está certo, sargento. Isto só vem confirmar os demais relatos das nossas outras patrulhas. A cidade de Massarossa deve estar ocupada apenas por observadores alemães. Por isso, já temos ordens do comando para invadir a cidade hoje mesmo. Seus homens tem uma hora para descansar. Iremos fazer a ofensiva logo mais. Dispensado agora.

O sargento vai embora.

A PRIMEIRA BATALHA

Já no final da tarde. As tropas brasileiras avançam em Massarossa. Ouvem-se alguns tiros isolados e o capitão Guimarães, que estava em um jipe, fala para o sargento Souza que o acompanhava ao seu lado a pé:

- Está muito fácil para ser verdade. Não acha, sargento?
- Concorde, senhor.

Os tiros cessam e a população começa a comemorar com os brasileiros. Pela tranquilidade da invasão, parecia um verdadeiro passeio ou desfile dos pracinhas pela cidade. Um pouco mais a frente do capitão e do sargento, os soldados conversam:

- Essa foi fácil demais – diz Gustavo.
- Rumo a Berlim! – grita Augusto.

Neste mesmo instante, as tropas brasileiras começam a ser bombardeadas pelos alemães que estavam em pontos de observação. A confusão se espalha pela cidade. A população corre tentando se proteger e os soldados começam a tomar posições defensivas.

Carlos, Gustavo e o cabo Vicente entram em uma edificação e lá ficam isolados. Eles estão atentos aos movimentos através da janela. Aos poucos, as explosões e os tiros vão diminuindo. Eles, sempre atentos, não veem a presença de nenhum alemão, apenas alguns pracinhas passando na rua em busca de um reposicionamento. Já era alta madrugada, e não havia mais movimentação alguma. Os três soldados acabam adormecendo ali mesmo.

Quando os primeiros raios de Sol batem no rosto de Carlos, ele acorda imediatamente. Ele olha pela janela assustado e vê o sargento Souza andando. Ele parecia estar procurando alguém. Então, em voz baixa, Carlos chama Souza:

- Sargento, sargento...

Souza se vira para trás e começa a procurar da onde vinha o chamado.

- Aqui dentro. Sou eu. O Carlos!
- Ah... você Carlos. Já vi. Estou mesmo procurando vocês. Você viu o cabo Vicente?
- Ele e Gustavo estão aqui comigo.
- Que bom. Eu estava preocupado com vocês. Podem sair. Vencemos!

Aliviado, Carlos, chama os dois outros e todos voltam para o quartel. Já em seu alojamento, Carlos escreve uma carta para sua família:

“Queridos pais,

já iniciamos a guerra com uma grande conquista. Conquistamos nossa primeira cidade apesar do fogo cerrado dos alemães. Aqui tudo é muito triste. Pessoas morrendo, prédios destruídos, mas nós da tropa brasileira, estamos cientes do dever que temos que cumprir e estamos muito confiantes. Procurem ficar tranquilos, pois apesar do medo inicial, seu filho está se saindo muito bem por aqui. Carlito.”

BATALHA DE CAMAIORE

O dia é 18 de setembro de 1944. Camaioire é uma cidade que fica há 800 metros de Massarossa. Entre elas havia uma ponte bem avariada pela guerra. O alto comando já havia dado ordens para avançar até lá. Também já estava anoitecendo. Ao iniciar o avanço, os veículos logo ficaram barrados antes da ponte. A tropa teve que abandonar os veículos para atravessar a pé a ponte. Os brasileiros começaram a entrar na cidade sob forte artilharia alemã. O pelotão do sargento Souza segue no primeiro caminhão do segundo comboio. De repente o caminhão para e o sargento pergunta:

- Mas o que está acontecendo?

Há um clima pesado entre todos do pelotão e o sargento e o cabo Vicente saem do caminhão. Ao ver a situação da ponte, o cabo fala:

- É sargento. Parece que daqui por diante teremos que ir a pé.

- Fique aqui. Antes eu irei informar a situação para o capitão Guimarães – diz Souza.

O sargento vai até o jipe do capitão que nesta altura também já estava parado cerca de 500 metros atrás do caminhão do pelotão do sargento Souza.

O capitão pergunta:

- O que houve lá na frente, sargento?

- A ponte que liga Massarossa e Camaioire está intransitável. Teremos que seguir a pé.

Imediatamente o capitão ordena o desembarque da Infantaria. Todos saem dos seus veículos e começam a caminhada rumo ao início da ponte. O sargento chega lá, onde já se encontra seu pelotão.

- Cabo, como está a situação? Poderemos avançar? – pergunta ele.

- Não há alemães na área. Nenhuma movimentação estranha, senhor.

- Então o que estamos esperando? – incentiva e ordena o sargento.

O pelotão começa a avançar e ao chegar na outra extremidade da ponte, como os seus companheiros anteriores, começam a receber tiros disparados pelos alemães.

- Pelotão, dispersar! – grita o sargento Souza.

Os soldados se dividem. Silva, Carlos e Gustavo vão para a direita. Na corrida, Silva grita:

- Acho que fui atingido!

Carlos e Gustavo que o seguiam, correm até o local onde o amigo havia caído e percebem um ferimento no ombro.

- Silva, você pode me ouvir? – pergunta Gustavo.

- Sim, mas me tire logo daqui. Por favor!

Eles levantam o amigo com cuidado e o levam de volta para o outro lado da ponte. Eles somem na fumaça quando correm na ponte para o lado brasileiro. Já na retaguarda, Silva chega em um veículo militar ao posto médico. Gustavo e Carlos ainda estão acompanhando o amigo. Os dois estão desesperados vendo o grande volume de sangue se esvair do corpo do amigo.

- Rápido, um médico! – grita Carlos.

- Enfermeira, temos um soldado ferido aqui – reforça Gustavo.

O corpo médico pega Silva e o leva para dentro do barracão da enfermaria. Carlos e Gustavo são impedidos de entrar lá, mas algum tempo depois os dois são autorizados a entrar e encontrar Silva que já está medicado e em recuperação. Lá os dois recebem uma boa notícia da enfermeira que estava chegando com mais um medicamento. A enfermeira diz:

- Já souberam, soldados? Conquistamos Camaiore!

Gustavo e Carlos se olham felizes e com orgulho. E depois Gustavo fala para Silva:

- Está vendo, meu amigo. Vencemos mais uma e você aguento firme aí, que precisaremos de você para a próxima.

Silva, com voz fraca, fala:

- Se depender de mim, estarei lá.

Silva não pôde voltar para a guerra, retornou ao Brasil no 1º transporte de feridos.

BATALHA DE MONTE PRANO

Em 26 de setembro de 1944, as tropas já estavam na região de Monte Prano. No meio da batalha, com direito a bombas, tiros e explosões, o pelotão do sargento Souza passa invadindo as casas em uma vila. Em uma delas, os soldados ouvem sons de vozes de mulheres. Carlos e Gustavo entram na casa e se deparam com duas mulheres assustadas. Elas se aproximam para distrai-los enquanto soldados alemães se aproximam para uma emboscada. Quando se dão por si, os dois brasileiros já estão com armas apontadas para seus rostos. Eles já se preparam para morrer, se olham entre si, mas antes que pudessem entender o que estava acontecendo, os dois alemães já estavam caídos no chão e o sargento Souza já os chamava.

- Vamos! Vamos avançar! Temos muito o que fazer por aqui ainda!

- Obrigado, sargento – agradece Gustavo – Fomos ingênuos agora.

- É a juventude, soldados. Não se pode ver um rabo de saia que... Bom, acho que agora estamos quites – diz Souza se referindo sobre a ocasião que os soldados salvaram a sua vida naquele celeiro no alto do morro de Massarossa.

- Realmente, senhor – concorda Carlos.

Finalizada mais essa batalha com mais uma vitória dos pracinhas, o batalhão do sargento Souza pega um dia de folga. Então o sargento vai até o alojamento onde estavam seus soldados e comunica:

- Boas notícias, rapaziada. Vamos nos divertir hoje à noite. Estamos liberados!

Comemoração geral do pelotão. Todos já vão se levantando e se arrumando para sair. Carlos aproveita a oportunidade para ir para sua cama e escrever mais uma carta para sua família. Carlos se senta na cama, pega um papel e uma caneta e começa a escrever:

“Pais,

primeiramente continuo vivo e bem na medida do possível. Já passamos por grandes apuros, mas o nosso pelotão segue unido e com a moral alta. Já conquistamos diversas cidades e fizemos muitos prisioneiros alemães. Acho que uns 80 deles enquanto somente dois dos nossos foram capturados. Muito bom, não acham? Ontem retornamos da região de Monte Prano com vitória. Fiquem em paz. Beijinhos do seu filho Carlito.”

CURATIVOS SALVADORES

Passados uns dias da última batalha de Monte Prano, alguns correspondentes de guerra chegam ao quartel avançado brasileiro onde estão os soldados do sargento Souza. Um dos correspondentes tinha a missão de reportar para alguns jornais sobre a posição dos nazistas na região. Era o João Nascimento. E a localização que esse quartel ficava, era perfeita para isso. No último andar da edificação era possível ver os “tedescos” em cima das cristas dos morros a leste. É claro que com sorte e se a neblina usual ajudassem.

O capitão Guimarães chega ao pelotão e pede para que o sargento Souza acompanhe o correspondente até o último andar. Mas antes também pede que o tenente-médico Élio Leal entregasse uma caixa de curativos para o correspondente. João Nascimento se assusta, mas o tenente-médico diz logo após entregar a caixa:

- Fique tranquilo. O curativo não é por causa das granadas. É que você pode levar um escorregão lá. Isso é muito frequente e acontece todos os dias.

O correspondente fica mais calmo, mas pensando bem, ele fica ainda mais preocupado agora para não tropeçar ou escorregar no caminho, apesar de não entender porque isso acontecia todos os dias. Antes de subir, o sargento Souza pede para Carlos e Gustavo também irem junto. Então os quatro deixam a sala em rumo ao tal mirante de soldados inimigos. E a arma mais importante desta missão não eram fuzis, mas sim binóculos. E todos os quatro já estavam munidos do seu.

Logo o correspondente João entendeu o porquê da caixa dos curativos e da companhia mais parecida com escolta de mais três militares. Logo ele constata que o mirante ficava no último andar do prédio mesmo. Mas por toda a destruição do local, não dava para saber ao certo quantos andares o prédio tinha, mas parecia ter em torno de 10 andares. O fato é que não se podia mais subir pelas escadas. Elas e todos os demais acessos haviam sido destruídos pelas granadas inimigas. O acesso era feito por meio da encosta de um morro que ficava logo atrás do prédio. E o trajeto era quase vertical com um trecho feito por cordas. Era praticamente fazer alpinismo sem o equipamento específico para a atividade. E com um agravante. A chuva continuava a cair como sempre tornando o terreno ainda mais escorregadio. Era um tal de “entrega-me as cordas”, “as minhas botas estão derrapando” e todos sempre muito arfantes.

Mesmo assim eles conseguem vencer o primeiro trecho sem grandes problemas. Fazem uma pausa e partem para o segundo e mais íngreme trecho. E o sargento Souza diz:

- Pessoal, é agora que a subida vai ser para valer mesmo. Por enquanto, só estávamos brincando.

Carlos vai na frente levando a corda e a fixando para que os outros pudessem subir. Logo atrás vem Gustavo. João em terceiro e, por último, o sargento. De repente Carlos escorrega e cai dois metros. Por sorte, não atinge Gustavo e por sorte dupla a corda fica presa num rochedo segurando ele e impedindo que todos os demais caíssem também de uma altura de mais de 10 metros. Carlos olha sem jeito para baixo e diz:

- Isso é que uma escalada com emoção, hein?

- Carlos, pare de brincar e suba o mais rápido possível – ordena o sargento – A partir deste ponto nós também ficamos visíveis para os alemães e estamos muito vulneráveis.

O restante da subida transcorre sem problemas. Um pouco antes de atingirem o último andar, o sargento ordena novamente:

- Ao chegarem lá em cima, não fiquem em pé. O mais seguro é ir se arrastando pelo chão.

Então, os soldados e o correspondente cumprem o que o sargento ordenou e todos se arrastam pelo chão. O único problema era a lama e a neve suja. Essa situação levou o correspondente fazer uma piada dizendo:

- A guerra faz da gente um animal anfíbio.

Todos dão risadas e se posicionam na face leste da edificação. Era lá que era possível avistar os famosos “tedescos” da região. Então, o correspondente saca seu binóculo e focaliza sua lente para a crista das montanhas. Da sua posição também se via mais do que isso. Uma estrada vital para os nazistas e suas noturnas remessas cheias de munições e rações para os soldados. Essa estrada cortava a “terra de ninguém” neste setor que era defendido pelo 6º Regimento de Infantaria. O mais difícil do front brasileiro.

Mas naquele momento ele não consegue ver nenhum “tedesco” e confiante se levanta para tentar focalizar de um outro ângulo. Mas quando ele levanta, algo acontece. Ele tropeça em um resto de um tijolo e cai. Com a queda, ele corta o queixo. Então ele se lembra das sábias palavras e dos curativos salvadores do tenente-médico Élio Leal. Ele faz o curativo com a ajuda do sargento Souza. Realmente o médico tinha razão. Lá era muito perigoso. Não pelos tiros e granadas, mas pela possibilidade de escorregar, tropeçar e cair .

BATALHA DE MONTE CASTELO

Já era novembro. Dia 29 mais precisamente. O exército brasileiro estava na região de Monte Castelo. Debaixo de muita chuva, os aliados estão tentando a 3ª ofensiva para a tomada da posição de Monte Castelo. Esta é a primeira tentativa sob o comando da FEB. O pelotão do sargento Souza está em uma trincheira. Estão todos lá. Souza, Vicente, Carlos, Gustavo, Vito, Dinho e Augusto. Eles estão presos sob grande bombardeio. Qualquer tentativa de sair destes verdadeiros buracos poderia ser fatal.

- É... a coisa não está fácil desta vez – diz Carlos.

- É. Os americanos já tentaram duas vezes sem sucesso, meu amigo – comenta Gustavo.

- Mas...

Antes que Carlos pudesse completar a frase, uma granada explode ao lado da trincheira deles. O sargento Souza continua a falar:

- Essa foi por pouco. Eu só espero que conosco seja diferente. Mas do jeito que as coisas estão... não sei não?!?! A história pode se repetir.

- Onde estão os reforços, sargento? – Gustavo faz uma pergunta desesperada.

- Nós vamos morrer se ficarmos aqui apenas esperando. Vamos avançar – se desesperada também Dinho.

- Você está maluco, Dinho – grita o sargento – Os alemães estão em posições estratégicas. Sabem exatamente onde estamos. Se sairmos, morreremos!

De repente, Dinho sem dar ouvidos para o sargento, se levanta e sai correndo.

- Dinho, abaixe-se! Pelo amor de Deus. O que você está fazendo – grita Souza.

Antes que o sargento pudesse fazer mais algo, Dinho é metralhado e cai ao lado de Gustavo. Gustavo grita:

- Não!!!!

Gustavo ainda tenta reanimá-lo, mas já é tarde demais. Com Dinho em seus braços, Gustavo chora. Um soldado em outra trincheira grita para todos.

- Pessoal, temos ordens de recuar. Recuem todos ou vamos morrer aqui.

O pelotão do sargento Souza começa a voltar, menos Gustavo que fica paralisado com Dinho em seus braços.

- Vamos, Gustavo! – fala Carlos – Você precisa largá-lo e recuar com a gente. Você quer morrer aqui também?

- Não posso deixá-lo aqui nessas condições, Carlos!

- Você tem que deixá-lo aí!!!

- Gustavo olha bem demoradamente para Dinho e depois para Carlos. Então ele volta a si e os dois iniciam o recuo junto com o restante da tropa.

Dias se passam e Carlos está sozinho olhando a mata em um acampamento do exército do Brasil. Ele está pensando na vida. A noite está muito chuvosa. Após algum tempo, Gustavo aparece e diz:

- O que o meu amigo tanto pensa por aí?

Carlos pensa para responder:

- Em nada e em tudo ao mesmo tempo... A vida é engraçada às vezes... eu que jamais imaginei presenciar uma guerra, estou aqui... vivendo tudo isso.

- Sabe que também estive pensando nisso. E sabe, eu estou procurando ver o lado bom de tudo isso... E aí penso que nós sairemos daqui com uma grande experiência de vida.

- Quando você chegou... eu estava pensando nas vidas que já tirei.

Os olhos de Carlos começam a se encher de lágrimas.

- Eu não consigo ver os soldados alemães como inimigos – continua Carlos – Eu acho que só matei por instinto de sobrevivência mesmo. Pois no fundo eu sabia que eram eles ou eu.

- É, meu amigo. Aqui o que prevalece é a lei da selva.

Os dois interrompem o papo e olham no horizonte escuro refletindo. Após alguns minutos, Gustavo rompe o silêncio e diz:

- Amanhã a gente terá outra folga. Eu fui me informar e descobri um lugar muito bom por aqui para bebermos e nos divertir. O pessoal já está sabendo e todos gostariam que você fosse com a gente desta vez.

- Bem, Gustavo. Vocês sabem que eu não gosto muito dessas noitadas, em que só se bebe e se consegue sexo fácil com mulheres da vida. Mas eu vou sim desta vez. Estou precisando mesmo de um pouco de distração.

- Legal, Carlos! É isso aí! O lugar é legal e muito bem frequentado. Eu já me informei. Pode confiar.

- Obrigado, amigo.

Nesse instante, o cabo Vicente chega pedindo que os dois voltassem para o alojamento e Gustavo diz orgulhoso:

- Vicente, sabe quem vai com a gente amanhã à noite?

O cabo olha para Carlos.

- Ele mesmo, Vicente. O Carlos vai com a gente.

O Cabo dá um tapinha nas costas de Carlos, aprovando e incentivando o soldado e os três entram no alojamento.

No dia seguinte, já quase anoitecendo, todos estão juntos comendo a famosa “bóia” no jantar e conversam sobre a noitada de logo mais. É uma noite muito fria. Também falam sobre os últimos acontecimentos e sobre a preocupação de estarem em guerra. Quando todos sentam no chão para comer suas marmitas (latas), Gustavo se vira dizendo:

- Tudo certo para hoje, sargento?

- Tudo combinado. Hoje vamos finalmente relaxar! Parece que assim que o inverno passar, iremos tentar outra ofensiva em Monte Castelo. Temos que estar bastante descansados para essa nova batalha.

Augusto pergunta:

- Alguém teve notícias do Silva?

- Parece que ele está melhor, mas terá que retornar ao Brasil em breve – diz Vito.

No canto da roda, Gustavo se levanta e sai. Carlos percebe e vai atrás.

- O que foi, Gustavo? – pergunta Carlos. É ainda por causa do Dinho, não é? Foi um trauma para você mesmo, né?

- É, por isso mesmo. Mas deixa pra lá, vai.

- Pode dizer, rapaz. O que está pensando aí dentro desta sua cabeça.

- Você se lembra de quando me contou sobre os seus medos de perder pessoas na guerra? – fala Gustavo.

- Esse continua sendo o meu maior medo. Até maior do que morrer.

- Pois é, no fundo naquele dia eu realmente não acreditava que isso pudesse acontecer comigo. Mas depois do que aconteceu com o Dinho... hoje eu rezo todos os dias para que Deus evite que isso aconteça novamente.

- Esqueça isso – diz Carlos – Hoje temos que aproveitar a vida. Não foi isso que alguém aí me disse ontem? Vamos lá então! E o futuro, só Deus sabe.

Carlos puxa o amigo em direção ao pelotão.

NOITADA NA ITÁLIA

Na cidade de Granaglione, localidade em que estava uma boa parte da retaguarda brasileira, o pelotão do sargento Souza chega ao bar que Gustavo havia comentado. Realmente o local era muito bem frequentado. Eles sentam em uma mesa próxima à mesa de duas lindíssimas italianas e o sargento chama o garçom:

- Garçom! Um bom vinho tinto para nós!

O garçom não entende o português, mas acaba compreendendo o que Souza queria por meio dos gestos que o sargento fazia. Já Augusto, já estava com outro foco. Ele já olha para todos os rabos de saia do lugar e então diz:

- Olhem essas garotas, pessoal!

O lugar estava bastante movimentado. Por vezes, era necessário falar alto para ser ouvido. E Augusto continua falando apontando e sem discrição alguma:

- Olhem só aquelas italianinhas ali!

As moças percebem o interesse dos brasileiros com toda essa “discrição” dele. Elas então soltam um sorriso tímido apenas por educação.

- Belíssimas! – grita Augusto já tendo tomado sua segunda taça do autêntico vinho italiano.

Apesar das investidas de Augusto, as duas italianas parecem gostar mais de Gustavo e de Carlos. Os dois eram os soldados mais bonitos da turma mesmo. Talvez, por isso, eles fizeram mais sucesso com elas.

E assim a paquera segue por mais um bom tempo. Os soldados brasileiros em sua mesa olhando para as italianas e as italianas olhando para os brasileiros. De repente, os quatro se dão conta que o bar já está quase vazio. Haviam se passado algumas horas, mas a paquera só de olhar estava tão boa que nenhum deles sentiram o tempo passar. Carlos olha e em sua mesa dos soldados brasileiros, já haviam incontáveis garrafas de vinho abertas. A essa altura, Augusto e Vito já estavam completamente bêbados. O sargento Souza ordena:

- Cabo, vamos levar estes dois para o quartel – e depois se dirigindo para Carlos e Gustavo, ele diz – Quantos a vocês, podem ficar mais um pouco aqui. Aquelas duas moças continuam olhando para cá. Aproveitem a noite! – ele solta um sorrisinho sarcástico.

O sargento se levanta, ajuda Augusto e Vito a se levantarem também e todos eles saem do bar. Ainda sentados à mesa, Gustavo pergunta para Carlos que está olhando para a mesa das italianas:

- Vamos lá, Carlos?

- Ainda com um certo receito e ar de timidez, Carlos responde:

- Vamos.

Gustavo toma a frente e senta à mesa ao lado de Giovanna. Isso, uma das italianas se chama Giovanna. Gustavo então diz:

- Somos "brasilianos".

As duas se entreolham com sorrisos de quem já estava gostando muito. Carlos logo senta ao lado da outra italianinha. Ela se chama Bruna. E lá ficam os 4 por mais um bom tempo conversando e dando risadas. Mesmo com a dificuldade da diferença das línguas, eles acabam se compreendendo.

Já fora do bar, em uma rua da cidade, os dois quase casais, felizes, já estão de mãos dadas. Giovanna diz que conhece um lugar legal e convida todos para irem junto com ela.

Gustavo diz para Carlos:

- O que estamos esperando? Vamos lá com elas!

- Eles seguem caminhando rumo ao topo que um pequeno morro próximo à cidade. De lá, havia um mirante de onde podia-se ver toda a cidade iluminada. A paisagem era muito romântica e bonita. Gustavo aponta para o céu e diz para Giovanna:

- Belíssimo!

Depois aponta para a própria Giovanna e diz:

- Belíssima!

Gustavo e Giovanna se sentam e começam a fazer os primeiros carinhos. Enquanto isso, um pouco mais ao lado Carlos e Bruna, abraçados, apenas conversam olhando a linda paisagem. Logo depois, eles percebem o clima esquentar ao lado entre Giovanna e Gustavo e decidem sair do local. Ela pede para ele acompanhá-la até sua casa. Eles vão andando calmamente, trocando poucas palavras durante todo o caminho. Era nesses momentos que a timidez de Carlos ainda despontava com força.

Na porta de sua casa, Bruna se despede de Carlos com um beijo no rosto, mas pouco antes de Bruna fechar a porta da casa, Carlos, toma coragem e fala:

- Bruna, você é a mulher mais bela que já vi.

Bruna fica lisonjeada, dá um leve beijo da boca de Carlos e o convida para ele entrar em sua casa. A família de Bruna não estava na casa e Bruna oferece mais uma taça de

vinho. E, após mais algumas taças, já embriagados e alegres, os dois fazem amor no sofá.

Enquanto isso, no mirante, Gustavo e Giovanna, já estão na segunda rodada. Fazem amor loucamente apesar do desconforto e do frio do lugar.

ALERTA NO QUARTEL

No dia seguinte, a sirene toca no quartel. Era mais uma ofensiva alemã. Toda a tropa é preparada às pressas. O pelotão do sargento Souza também será enviado novamente para o front de Monte Castelo.

- Pelotão! – o sargento chama – Alerta! Os alemães estão atacando em Monte Castelo. Nós fomos escalados. 10 minutos para se apresentar no pátio.

Todos acordam assustados e vão para o chuveiro improvisado. Carlos e Gustavo estão com bastante sono devido à noitada e enfrentam a gozação dos companheiros pracinhas.

- A noite foi boa, hein? – ironiza Augusto.

Risos dos demais soldados.

- Vocês estão com inveja, pessoal – Gustavo brinca.

Vito interrompe:

- E você, Carlos. De santinho, só tem a cara mesmo.

Mais risos de todos, mas Carlos em um tom mais sério, diz:

- Pessoal, vamos deixar o papo furado de lado. Temos que nos apresentar para uma nova batalha.

Todos vão saindo do chuveiro e vão se vestir. Quando chegam ao pátio à espera das novas ordens que os levariam para o front, Carlos pergunta:

- O que está havendo no front, sargento?

- Um contra-ataque alemão. E esse é dos bravos. Nossos colegas estão precisando de reforços o quanto antes. Mas quando eles chegam ao front, acabam não indo para a batalha diretamente. Ficam alojados em barracões por dias. Esses barracões ficavam há cerca de um quilômetro do front. Mas finalmente em um certo dia, um dia muito frio e com o chão todo branco de neve, se escuta rumores pela tropa. Pouco mais tarde, o sargento chega para falar com o seu pelotão e o cabo Vicente se antecipa:

- Acho que nos enganaram, sargento. Fomos chamados para uma missão de apoio e já estamos esperando há dias pelo front?!

- É, cabo. As coisas não saíram como os nossos oficiais imaginaram. Aliás, acabo de voltar de lá com novidades. E finalmente, vamos entrar em ação. Amanhã iremos realizar uma missão de reconhecimento na região de Africo.

- Amanhã??? – se surpreende Gustavo.

- Por que, soldado? Por acaso amanhã você vai a uma festa ou uma reunião de negócios? – ironiza Souza.

Todos dão risadas.

CEMITÉRIO DE AFRICO

Janeiro chegou. Com ele o inverno e a neve só pioravam. Era o dia 6 de janeiro e a região estava com cerca de 30 centímetros de neve cobrindo as botas dos soldados. O sargento Souza e seu pelotão avança rumo ao cemitério de Africo. Havia informações da presença de alemães na região. Já eram altas horas da madrugada quando Carlos e Gustavo, que estavam na frente do pelotão, chegam ao portal de entrada do cemitério.

- Há algo estranho aqui – Gustavo fala em tom baixo.

Carlos interrompe os pensamentos do amigo.

- Deixe disso, rapaz. Não há nada para se preocupar. Você não está vendo... a região está limpa.

- Não sei não. É um pressentimento que tive. Que alguma coisa de ruim vai acontecer hoje.

- Rapaz, na dúvida não pense. Faça! Por favor, não se esqueça disso.

- Você está certo.

Os dois dão risadas e logo após entram dando sinal para os demais entrarem no cemitério também. A tropa começa a fazer o reconhecimento e se posicionar. Cerca de 200 metros cemitério adentro, os alemães localizados em uma região mais alta do cemitério começam a atirar.

- Protejam-se. Alemães atacando! – grita Gustavo.

Gustavo, Carlos, o cabo Vicente e o sargento Souza acabam-se se protegendo atrás de uma grande sepultura feita de pedra. Uma das mais altas daquela área. Isso proporcionava uma melhor proteção. De lá, eles podiam ver seus colegas tentando se esquivar e fugir da artilharia alemã. Com lutas de granadas e corpo a corpo, eles viram muitos soldados brasileiros caírem. Mesmo assim, os alemães começaram a recuar. Eles estavam pulando o muro no final do cemitério para fugir e seguir para a proteção. Mesmo após quase todo o contingente inimigo já ter pulado para o outro lado do muro, ainda se ouviam explosões e tiros. Os alemães agora estavam atirando de cima do muro.

Nesse momento, uma granada cai no meio da trincheira improvisada dos nossos soldados e todos se esquivam se separando. O cabo Vicente, num ato de bravura e na tentativa de salvar seus amigos desprotegidos, avança correndo até o muro descarregando sua metralhadora. Com isso, ele conseguiu dar cobertura para os companheiros e até mesmo matar dois soldados alemães. Mas quando ele se vira e inicia

a corrida de volta rumo à retaguarda, ele é atingido por trás e cai junto a uma sepultura com os seguintes dizeres: “Ajude em vida, morra em paz.”

Apesar do ato de coragem do cabo, a tropa acabou se dispersando e se dividindo. Muitos soldados não conseguiram mais voltar para o grupo. Após isso, não se ouviu mais nenhum tiro ou explosão. O silêncio do cemitério era angustiante. Era até mesmo mórbido. Carlos vaga entre as sepulturas gritando desesperado.

- Gustavo!!! Sargento!!! Tem alguém por aí???

Como não houve resposta alguma, ele resolve voltar para a cidade e sai correndo do cemitério. Carlos vaga pelas ruas da cidade desesperado em busca de rostos conhecidos. Por vezes, vê um ou outro pracinha desconhecido vagando nas mesmas condições. A cidade está escura sem quase nenhuma iluminação. De repente, ele vê uma edificação com algumas luzes e que parecia estar quase intacta. Talvez lá seria um local seguro para ele, ao menos, se abrigar durante a noite. Ele se aproxima sorrateiramente com segurança, faz o reconhecimento do local. Vai para os fundos e vê pelas janelas. Por fim, ele percebe apenas a presença de camponeses italianos. Volta para a frente do prédio e bate na porta da frente. Ele é recebido pelo dono do estabelecimento. Se tratava de uma pequena pensão local. O dono pede para que o pracinha entre dizendo saber que Carlos era brasileiro e que ele já tinha dado abrigo para outro soldado do Brasil um pouco antes. O camponês então convida Carlos para se alimentar. Carlos acha estranho o fato de ser mais um, mas como estava cansado e com fome, preferiu entrar assim mesmo.

Ao chegar ao pequeno e modesto salão de jantar da pensão, Carlos não acredita no que vê. O outro soldado que já estava lá se alimentando era, nada mais nada menos, do que o Gustavo.

- Você aqui? – pergunta Carlos aliviado.

Gustavo se levanta e os dois se abraçam fortemente. Faminto, Carlos logo se senta à mesa e recebe um tradicional prato de massa italiana. Os dois comem com vontade. À mesa, a conversa se inicia:

- Você viu o sargento ou alguém naquela confusão? – pergunta Carlos.

- Não vi ninguém mais. Foi uma correria. E naquela escuridão...

- Será que conseguiram escapar?

- O Vicente...

- É eu sei, Gustavo – diz Carlos com uma voz já meio triste e embargada.

O dono da pensão entra na sala e pergunta se eles gostariam de mais comida e diz:

- Estou torcendo por vocês “brasilianos”!

- É, nós sabemos, senhor – responde Gustavo – O italianos são nossos aliados agora. Nós agradecemos muito por isso. A ajuda dos italianos está sendo fundamental para as nossas vitórias.

O dono da pensão então oferece para que os dois passem a noite em um dos quartos, para que possam voltar para as bases aliadas com mais tranquilidade na manhã seguinte. Os dois, exaustos, concordam na mesma hora.

Já no quarto, Gustavo se joga em uma das camas e diz:

- Há quanto tempo não víamos uma cama macia dessas, hein Carlos?

Carlos, já se arrumando na outra cama para dormir, responde em tom de brincadeira.

- Eu nem me lembro mais o que é isso. Cama?

Uma pausa e Gustavo fala pensativo:

- Espera aí, Carlos. Que região que estamos mesmo?

- Africo, Gustavo. Mas porque essa pergunta agora?

- Não pode ser. Isso é fantástico!!!

- O que é fantástico??? Fale logo!

- É aqui que a Giovanna disse que morava com a família. Ela deve estar aqui!

Gustavo tira um papel do bolso.

- Guardei isso aqui. Ela me deu seu endereço. É isso mesmo! Africo. Veja, Carlos!

- Você não está pensando em ir lá agora, não é?

Gustavo fica meio sem jeito.

- Não, mas amanhã de manhã com o dia claro, eu vou procurá-la sim. Não posso perder essa oportunidade. Eu tenho que fazer isso. Você me entende, não é?

- Claro, amigo. Mas vamos dormir porque amanhã será mais um longo e difícil dia. Ah... e aproveita essa cama aí. Não sabemos quando poderemos ter outra chance desta também!

Gustavo ri e Carlos apaga a luz.

FUGA DE GUSTAVO

Ainda de noite, Carlos acorda assustado com um pesadelo. Quando ele olha a cama do lado, Gustavo não estava mais lá. Ele se levanta, se veste rapidamente e sai do quarto com pressa. Procura Gustavo em toda a pensão e não o encontra. Então ele decide sair e procurar na rua. Se esquivando entre as ruas e na escuridão da madrugada.

Enquanto isso, Gustavo já estava à procura da casa de Giovanna. Em alguns momentos, ele ouve alguns tiros isolados. Após grande busca no meio de vielas e casas escuras e deterioradas pela guerra, Gustavo finalmente acha a casa. Através de uma janela, ele olha uma mulher passando em um corredor da casa carregando uma vela acesa. Com cuidado, ele se aproxima mais da janela e ele consegue visualizar melhor a moça. E eis que era ela. Era a Giovanna mesmo. Entusiasmado, ele grita:

- Giovanna!!! Sou eu! Gust....

Antes que ele pudesse completar a frase, uma granada cai muito próxima da casa destruindo parte da parede. Uma outra granada é jogada e cai próxima do pé de Gustavo. Mas Carlos surge do nada e se joga sobre Gustavo, afastando um pouco os dois da explosão e salvando a vida do amigo. Quando a fumaça cessa, a casa está parcialmente destruída. Gustavo ainda tenta ir em busca de Giovanna, mas Carlos segura ele e fala:

- Você está louco! Vamos voltar agora! Quer se matar!?

Com uma explosão daquelas, Giovanna fatalmente já estaria morta. E já se convencendo que não poderia fazer mais nada para ajudar Giovanna, Gustavo diz num tom muito triste.

- Mas...

Então os dois saem correndo e somem na escuridão, mas Gustavo na hora não realiza realmente a tragédia que aconteceu e Carlos não sabia que era a casa da Giovanna. Já quase chegando na pensão novamente, Carlos e Gustavo percebem soldados do exército alemão na frente da pensão.

- Olha ali, Carlos – diz Gustavo.

- Estou vendo. Venha por aqui – fala Carlos apontando para uma viela.

Os dois entram nessa viela que dava acesso a uma ponte quase totalmente destruída. Ao perceber que do outro lado da ponte estava se aproximando uma patrulha alemã e que os dois estariam cercados, Gustavo não teve dúvidas.

- Venha comigo, Carlos!

- Para onde?

- Por aqui! Para baixo! Agora!

Os dois descem o barranco e ficam embaixo da ponte por alguns segundos. Depois atravessam o pequeno rio a nado e se abrigam embaixo da ponte do outro lado, esperando os alemães passarem e irem embora. Mas os dois acabam adormecendo ali mesmo.

Já de dia, Carlos acorda assustado com a movimentação em cima da ponte e com o Sol já aquecendo sua pele castigada pelo frio da noite anterior. Gustavo acorda logo em seguida.

- O que está acontecendo, pergunta Gustavo?

- Silêncio. Ainda não sei se são alemães ou são dos nossos. Fique atento!

De repente, eles ouvem:

- Pracinhas avançar!

Os dois sorriem felizes.

- São dos nossos! Estamos salvos!

Eles se levantam e sobem o barranco que os levaria para a ponte. A tropa brasileira, ao ver a aproximação dos dois, aponta as armas para eles e Gustavo se antecipa:

- Calma pessoal. Somos pracinhas também!

As tropas abaixam as armas e o sargento Souza surge ao fundo do pelotão se aproximando para abraçá-los dizendo:

- Tranquilo, pessoal. Eles são soldados do meu pelotão – e continua ao se aproximar deles – Mas onde é que vocês se meteram?

- É uma longa história, senhor – responde Carlos.

- Tudo bem, Vocês não sabem o quanto eu estou feliz em vê-los novamente.

Os três se reagrupam no pelotão.

O CANHÃO MISTERIOSO

Os dias se passam em um dos vários Quartéis Gerais avançados em que o pelotão do sargento Souza estava durante a guerra. Mas nessa localidade específica, todos os militares brasileiros de lá tiveram que conviver com um mistério aterrorizante durante mais de 20 dias. E geralmente esse mistério atacava durante as noites frias da região. Todos passavam horas de olhos abertos no meio da escuridão em alerta. Parecia ser um canhão apontado diretamente para esse “QG” brasileiro. Após vários ataques, o saldo de era de 6 mortos e mais de 30 feridos. Do prédio não sobrou nada intacto. O teto havia desabado, não sobrou uma única vidraça intacta sequer e havia um grande buraco no meio do prédio que descia o andar mais alto até o térreo. Por mais que as baterias brasileiras fizessem, o canhão sempre acordava de noite pronto para atacar o quartel. A cada tiro do canhão misterioso, as baterias respondiam com 2 ou 3 tiros. Nos primeiros dias, pouco se sabia sobre o tal canhão, mas amostras de estilhaços mostravam que se tratava de um canhão de grande porte. Em reunião, o capitão Guimarães sugere uma tática diferente. Era preciso descobrir qual o tipo de armamento e onde ele estava posicionado. Isso seria essencial para o plano ofensivo contra essa misteriosa máquina. O capitão analisando os estilhaços diz para sua equipe:

- Esse tipo de destruição só pode ter sido feita por um 170 nazista.

O canhão 170 era um dos canhões mais poderosos da força inimiga, podendo atingir alcance de 30 a 32 quilômetros. Isso significava que era preciso solicitar um reconhecimento aéreo para fotografar sua posição e bombardear o alvo. O plano foi colocado em prática. Durante alguns dias, vários aviões subiam e desciam e traziam várias fotos da região com suas geladas montanhas. Mas nem sinal do canhão e o mistério parecia que nunca seria resolvido.

Em uma nova reunião em que estavam presentes o capitão Guimarães e o tenente Pereira, ouve-se o pipocar de mais um dos projeteis desse poderoso monstro. Dessa vez foi tão perto da sala de reunião dos oficiais que vários estilhaços são atirados contra os presentes. De repente ouve-se um grito:

- Fui atingido! – se desespera o tenente Pereira.

Rapidamente ele é levado para a enfermaria, mas por sorte é um ferimento leve no rosto. Enquanto isso, a reunião segue e o capitão fala:

- Não podemos mais esperar. Essa situação não pode e não deve continuar assim. Tragam todas as fotos tiradas dos aviões novamente! Os oficiais se debruçaram a noite

inteira sobre as fotos em busca da máquina misteriosa. Já estava amanhecendo, quando o próprio capitão fala para um dos seus oficiais:

- Tenente Garcia, venha aqui. Veja isso?

O tenente Garcia era especialista neste tipo de assunto. O que você vê aqui nesta foto. Está vendo esse ponto aqui. Se isso não for o nosso canhão, nada mais será.

O tenente olha com atenção e lá estava o mistério revelado. O canhão estava numa rampa de montanha camuflado sob uma rede como a dos pescadores.

- É capitão – diz o tenente – Localizamos o nosso alvo. Definitivamente.

O capitão ordena então um bombardeio imediato nesta mesma manhã logo após que o nevoeiro típico da região se dissipasse. Após isso, nunca mais se ouviu dizer sobre o misterioso e indigesto companheiro inimigo de guerra. Ele havia morrido e sem ele no caminho, todos os pracinhas, incluindo o pelotão do sargento Souza, estavam prontos para avançar mais e mais.

MISSÃO ESPECIAL

O inverno estava passando e o tempo ficando mais quente. Carlos é chamado pelo tenente Pereira. Ele foi escolhido pelo tenente para uma missão especial e perigosa. Acompanhar à paisana duas italianas para uma vila ainda dominada pelos alemães.

O pelotão está nos barracões do alojamento descansando quando o sargento Souza entra com pressa chamando Carlos:

- Carlos, o tenente Pereira quer vê-lo pessoalmente.

O clima entre seus companheiros fica tenso. Todos ali sabiam que o tenente não gostava de Carlos. Carlos, ainda sereno, se levanta e sai do alojamento. Ele chega até a sala do oficial. O tenente, ao vê-lo chegando, fala com ironia:

- Soldado, tenho uma missão especial para você. Você é o homem certo para isso. Está vendo essas moças aqui... pois é... elas estão nos pedindo uma ajuda para chegar do outro lado da “Terra de Ninguém”... onde os alemães ainda dominam.

Ele continua:

- Elas querem ir encontrar seus pais que estão no outro lado.

Sabendo que será uma missão quase impossível e que tinha sido o escolhido porque o tenente não gostava dele, mas tentando se mostrar indiferente e profissional, Carlos responde:

- Entendo, senhor. Eu deverei acompanhar e fazê-las chegarem em segurança ao seu destino.

- Exatamente, soldado. Mas para você não morrer na primeira esquina, você irá à paisana. Está aqui a roupa de camponês para que você ir sem maiores problemas. Espero que saiba falar ou enganar bem no italiano para qualquer eventualidade – diz o tenente num tom sarcástico.

- Terei prazer em ajudá-las – diz Carlos se dirigindo diretamente para as moças.

Carlos volta para o barracão e começa a se vestir de camponês. Gustavo, ao seu lado, pergunta:

- Carlos, o que o tenente queria? Por que você está colocando essa roupa?

- Nada demais. Só fui escalado para uma missão especial. Irei à paisana acompanhar duas italianas em território inimigo.

- E como você pode aceitar isso? É muito perigoso? E se os alemães te pegarem?

- Ordens são ordens, Gustavo.

Carlos volta à sala do tenente já “fantasiado” de camponês italiano e a ordem do tenente é imediata:

- Carlos, vá agora com elas!

O tenente entrega o mapa do lugar da casa e os três começam sua perigosa jornada. Entretanto, tudo transcorreu muito bem até o destino. Não viram nenhum inimigo “tedesco” e Carlos cumpre sua missão sem grandes problemas. Mas para ele, ainda faltaria a volta.

Então, Carlos deixa as duas italianas a salvo na casa de seus familiares. Elas ficam muito agradecidas. Eles se despedem e ele começa o caminho de volta.

Logo ao virar a esquina, ele vê um pouco mais acima da rua uma igreja. A igreja em estilo gótico está bastante destruída em função da guerra. Mas ela parecia estar aberta. Então, Carlos que tinha suas crenças religiosas, decide ir até lá. Ele observa ao seu redor e como não há nada de suspeito ou perigoso, ele resolve ir até lá para rezar um pouco.

No caminho, só vê alguns animais como porcos e galinhas dos moradores locais. Os bichos estavam à procura de alimentos entre alguns destroços.

Sempre com muita atenção, Carlos olha para todos os lados e após fazer o reconhecimento do local, entra na igreja. Já dentro da igreja, ele se ajoelha no chão e reza. Ao se virar, vê uma pequena cruz de metal caída no chão. Ele a pega, segura com emoção e a envolve em um pano para levar consigo. Logo depois, sabendo que o lugar era perigoso, era um território ainda dominado pelo inimigo, ele se levanta e sai rapidamente da igreja. Já descendo o largo para sair da vila, ele ouve passos há cerca de 100 metros atrás dele. Depois ele começa a ouvir vozes. As vozes falaram em alemão. Ele vira disfarçadamente e repara que há 4 soldados alemães atrás dele. Mas eles ainda estavam um pouco distantes. Ele sabia que naquela hora a única coisa a fazer seria mostrar medo como se realmente fosse um mero camponês italiano. Assim, os soldados poderiam desistir de fazer uma abordagem.

Carlos, então, continua andando calmamente e percebe que os soldados alemães o chamam. Carlos finge não entender a língua e continua caminhando. Os soldados começam a gritar então. Parecia que eles estavam realmente chamando Carlos. Ele, então, prefere parar de andar e se vira com cara de medo. Os alemães começam a rir e atirar para o chão. Carlos vai encostando em uma parede de uma casa de esquina para facilitar uma eventual fuga, caso fosse preciso. Um soldado alemão faz mira em Carlos. E se aproxima ainda mais. Carlos então é cercado e é puxado bruscamente pelo braço. O soldado atira. Carlos sente a bala passar poucos centímetros de sua face. Logo depois, ele ouve mais dois tiros. Os alemães se assustam. Carlos se joga no chão. Quando olha pra cima já caído no chão, ele vê Gustavo. Gustavo tinha atirado para assustar os

alemães. Carlos levanta rapidamente então, mas derruba a cruz que tinha pego na igreja.

Gustavo grita:

- Por aqui, rápido, Carlos!

Os dois amigos pegam a cruz juntos ao mesmo tempo. Neste momento, a cruz representa a força da amizade deles. Os dois se levantam. Carlos guarda a cruz e ambos começam a correr em fuga já felizes. Eles percebem que os alemães assustados pensando que era uma ofensiva aliada, já haviam sumido. Na verdade, esses soldados alemães só queriam se divertir com alguém que parecia indefeso como um pobre camponês italiano mesmo.

ÚLTIMA BATALHA DE MONTE CASTELO

O dia era 21 de fevereiro de 1945. Gustavo e Carlos estavam no front de Monte Castelo. A ordem era começar a atacar bem cedo, às 6 da manhã. O Primeiro Regimento de Infantaria foi dividido em três batalhões. Um seguiria pela direita, outro pelo centro e outro pela esquerda. Tudo seria feito em coordenação com a ofensiva americana que acabara de tomar outra posição estratégica próxima chamada de Beveldere. Beveldere ficava à esquerda de Monte Castelo. A intenção do comando Brasileiro era de arrancar o Monte Castelo das mãos dos nazistas até o final da tarde daquele mesmo dia.

Ao subir no monte, o exército do Brasil se vê cercado por bombas e morteiros que eram disparados de casamatas inimigas mais ao alto do monte. Já no meio da manhã, alguns soldados se refugiam em uma trincheira. Entre eles, os nossos rapazes. Gustavo vira então para Carlos e fala:

- Você se lembra daquele dia no cemitério? Eu estou com a mesma sensação hoje. Algo vai acontecer. Algo de ruim...

Desta vez, Carlos realmente se preocupa, mas finge não ligar.

- Esqueça, Gustavo.

Os dois estão um pouco mais a frente na trincheira deles e muitos tiros e bombas são ouvidas perto. Está um verdadeiro caos. Um caos de guerra. Mas quando Gustavo se vira, ele vê Dinho já deitado com a cabeça caída. Então, ele grita:

- Dinho!

Gustavo se aproxima e quando segura a cabeça de Dinho em uma tentativa de levá-la, o sangue começa a escorrer pela cabeça por debaixo dos cabelos. Gustavo, fora de si mesmo, ainda tenta reanimá-lo sem sucesso. E vendo que não havia muito mais o que fazer naquela situação, Gustavo diz:

- Fale comigo, Dinho! Fale!!! Que merda!!!

Entretanto, com isso ele também se descuida e recebe um tiro e Carlos vendo a cena, diz:

- Cuidado!!!!!!

Carlos também tentou abaixá-lo, mas Gustavo ainda recebe outro tiro e cai de vez no chão desacordado. Desnorteadado, Carlos vê que o amigo ainda tem vida.

- Segure firme aí, Gustavo. Vou te levar para os médicos. Agente firme!

Carlos levanta Gustavo e o carrega pelas costas e sai sem rumo no meio dos tiros e das granadas. Logo vê a retaguarda das tropas brasileiras e vai correndo para lá. Consegue chegar a salvo e grita:

- Ajudem aqui! Pelo Amor de Deus! Temos um soldado ferido!

Logo chega a ajuda médica. Gustavo é colocado em uma maca e é levado para uma enfermaria improvisada em uma barraca. Carlos acompanha Gustavo sempre dando força para o amigo.

Algumas horas depois, Gustavo acorda ainda nesse posto médico improvisado. Carlos ainda está ao seu lado e Gustavo fala com voz fraca:

- Obrigado, Carlos. Ficarei te devendo essa.

Emocionado, Carlos responde:

- Você vai ficar bom logo. Não desista! A propósito... eu tenho uma grande novidade. Conquistamos Monte Castelo! As informações são de que o pessoal do major Franklin atingiu o topo por volta de 17h50. Parece que eles disseram que o Castelo já era da gente. Seu sofrimento não foi em vão! Até porque você sabe que essa conquista é essencial para o nosso avanço para Bolonha e o Vale do Pó!

Depois de uma breve pausa, Carlos tira a cruz do bolso. Aquela mesma cruz que ele havia encontrado na igreja. Ele a desenrola do pano e entrega para Gustavo.

- Gustavo, eu quero que você fique com uma coisa. Essa cruz – diz ele.

Gustavo então começa a tossir e ter convulsões e os médicos retiram Carlos do local. E Carlos grita:

- Não! Não vá meu amigo! Força!

OPERAÇÃO DIVERSIONISTA

Se afastando do posto médico e parecendo sem rumo tal era o choque de ver seu amigo morrendo, Carlos se senta no chão ao lado de uns jipes no meio de uma estrada de lama. Lá alguns soldados conversam sobre a conquista de Monte Castelo.

Eles falavam da tal “Operação Diversionista” para ajudar na conquista daquele famigerado monte. Tratava-se de uma operação para confundir o inimigo. Uma manobra que fizesse crer aos nazistas que o ataque ao monte iria partir de um lugar falso para que o verdadeiro ataque pudesse encontrar menor resistência e barreiras.

Essa tal operação seria feita em uma localidade chamada de Abetáia. Um pequeno vilarejo de poucas casas esfareladas de tantas bombas e de tantas disputas entre patrulhas inimigas noturnas e diurnas.

Um dos tenentes ao lado do jipe falou que soube que essa operação aconteceu um dia antes do dia do grande ataque. Com um pelotão de quase 40 homens, o plano foi posto em prática. A tropa partiu meia noite sob a luz branca da Lua. Ao chegar lá, a vila dormia. Todos esperavam ser recebidos com tiros e granadas nazistas, mas o silêncio parecia se multiplicar. E assim foi a noite inteira. Mas a tensão era maior com esse silêncio mórbido do que seria se os pracinhas tivessem que reagir a rajadas de metralhadoras tedescas. Até porque todos lá sabiam que essas metralhadoras e todo o arsenal alemão estavam a menos de 300 metros adiante. Então, um a um, cavou sua própria trincheira individual. E lá ficaram todos em alerta até o amanhecer. Mas a missão estava cumprida. Os alemães fatalmente já sabiam da presença incômoda dos nossos pracinhas sinalizando que um ataque por esse flanco seria iminente.

Enquanto isso, Carlos estava lá ouvindo essa conversa, mas não estava a escutando. Sua mente estava longe dali. Tão longe de Monte Castelo, mas ao mesmo tempo, tão perto de lá também. Então ele se levanta. Ele parece não compartilhar essa felicidade e sai caminhando novamente sem rumo.

ENTREVISTANDO O CABO ALEMÃO

De noite, em um canto no meio da mata, Carlos está segurando uma garrafa de vinho quase vazia. Ele está cambaleando de porre e berrando:

- Que merda de guerra é essa!?!?! Que vida??? Quando isto vai acabar?!?!

Nesta altura, ele sente que Gustavo está morto já. Mas acontece algo que, se não tirou toda a tristeza do soldado, fez ele se entreter naquilo e esquecer dos seus próprios problemas por alguns momentos. Carlos percebe que chegavam alguns prisioneiros alemães ali ao lado. Entre eles, o Fritz. Se para Carlos, a guerra continuaria ainda, para esse soldado nazista, a guerra tinha acabado. Esse típico integrante da “Wermacht” é um homem de uns 40 anos de idade e chega ao quartel brasileiro com um rosto já rasgado pelas rugas, com unhas sujas e compridas e com um uniforme cheio de remendos com suas divisas quase soltas. Ele tinha tido sua mão atingida por um fuzil de um pracinha e estava agora também com uma tipoia. Ele segue para ser interrogado pelos oficiais brasileiros. Mas Carlos, por algum motivo se interessa pela movimentação destes prisioneiros. Ele sabia que alguns deles depois do interrogatório oficial, ficariam à disposição para das entrevistas para alguns poucos e raros jornalistas brasileiros no local. Então, ele fica lá esperando. O próprio Carlos não sabia direito o que fazia lá esperando, mas no fundo ele estava procurando saber e entender os problemas de seus companheiros de guerra, mesmo sendo o seu inimigo neste caso. Quem sabe assim ele poderia entender e conviver melhor com os seus próprios problemas.

Após algum tempo, Fritz sai da sala de interrogatório e estava ali à mercê dos jornalistas. E logo vem a primeira pergunta:

- O que o senhor pensa da Guerra?

- Penso que a Alemanha já perdeu essa guerra. Há dias, Goering nos prometeu a “Lutwaffe”, mas até agora os aviões não chegaram e possivelmente não chegarão mais.

- O que o senhor fazia antes da guerra?

- Eu trabalhava nas docas de Bremen. Fui convocado há 4 anos e enviado para a frente Russa. Lá eu ficava na retaguarda. Era considerado velho demais para o front. Depois precisamos recuar para a Polônia. Tive alguns dias de licença em casa na Alemanha e fui mandado agora para a frente Italiana.

- Você é nazista?

- Nunca fui. Hitler foi a desgraça da Alemanha.

- O que vai fazer depois da Guerra?

- Se me mandarem para a Alemanha de volta, começo tudo de novo. Mas quero encontrar uma Alemanha diferente. Livre dos nazistas.
- Como os alemães estão enfrentando esse inverno?
- Prometeram roupas de inverno, mas até agora não chegaram. Me arrumei com o que pude. Tinha um pulôver e duas meias que tinha trazido de casa.
- O que acha dos soldados brasileiros?
- São muito violentos e agressivos. O nosso tenente sempre nos avisava para tomar cuidado com os brasileiros.
- E qual será o fim de Hitler na sua opinião?
- Se eu fosse ele, me matava.

Logo após isso, dois policiais militares altos e fortes entram no local da entrevista, uma pequena sala de um barracão, e pedem licença para o tenente levar o prisioneiro. O alemão bateu continência para o tenente e fez menção para estender a mão para alguns dos jornalistas. Mas ficou somente na intenção e foi retirado do local.

Carlos que via a cena, pensou:

- Realmente está ruim a situação para mim, mas agora sei que sempre pode piorar ainda mais.

Carlos tinha conseguido atingir seu objetivo ao assistir a entrevista então. Quem sabe poderia conviver com os seus próprios problemas de forma mais amena daqui para frente.

TENTANDO ENCONTRAR CASTELNUOVO

O sargento Souza chega ao barracão do pelotão com novas ordens:

- Rapaziada, temos uma nova missão. Vamos para Castelnuovo.

Com o passar da guerra, as missões das patrulhas estavam sofrendo uma verdadeira transformação. Agora já não era tão importante reconhecer a presença do inimigo. Afinal, dezenas e centenas deles já sabendo da derrota iminente da Alemanha, chegavam diariamente nos mais diferentes fronts dos aliados da guerra carregando um maltrapilho pano branco encardido em uma haste simbolizando suas rendições incondicionais.

A missão agora de Carlos e companhia seria fazer patrulhas de limpeza dos latifúndios de guerra das localidades abandonadas pelos nazistas. Armas, minas, munição, equipamentos eram largados aos montes. Assim como uniformes, cremes de barbear e cartas fazendo mostrar que os tedescos também eram pessoas como qualquer outra. Com histórias de vida, famílias e tudo mais.

Em dois jipes, o sargento Souza e seu novo pelotão que ainda tinha como um dos remanescentes o praça Carlos, segue rumo à Castelnuovo para fazer essa verdadeira faxina na região. Eis que o motorista do primeiro jipe diz para o sargento:

- Sargento, acho que tomamos o caminho errado.

- Será, soldado?

Neste momento, eles encontram 4 pracinhas caminhando pela estrada e o motorista pergunta para um deles:

- Estamos em Castelnuovo?

- Na verdade Castelnuovo fica lá em cima naquela montanha – responde o praça apontando para um morro a frente com algumas casas à vista – Mas eu não sei qual estrada pegar para chegar. Há um caminho à direita, mas sei que está todo minado ainda.

- Algum jipe passou por ele?

- Que eu saiba, não.

- Mas dá para passar de jipe por lá?

- Acho que dá.

- Então vamos! Mas com cuidado, soldado – ordena o sargento Souza.

Nesse momento, morteiros nazistas começam a estourar perto, fazendo uma chuva de terra negra. E o sargento completa.

- Vamos, mas não agora.

Então um dos pracinhas em pé, sugere:

- Vamos todos nos refugiar aqui nessa capela.

E tropas desembarcam e saem se esquivando até a proteção divina que está no local certo e na hora certa. Lá passam a noite ao lado de imagens santas se protegendo em pequenas fortalezas feitas da madeira improvisada dos restos de bancos que sobraram. As fortalezas serviram inclusive para a proteção do insistente frio que nunca desistia de aparecer nas noites da guerra.

Ao amanhecer, os militares dos jipes agradecem a hospitalidade dos 4 pracinhas alocados na região e saem rapidamente rumando para Castelnuovo finalmente. Mas à medida que avançavam na estrada, a quantidade de minas aumentava geometricamente. Em uma curva fechada, finalmente perceberam que era impossível avançar mais pela estrada. A opção seria descer o barranco

Uma coisa totalmente viável para as duas máquinas motorizadas que eles tinham em mãos. Então o sargento ordena:

- O que estamos esperando? Vamos lá?

Os jipes seguem em sua velocidade mínima atravessando crateras de lama e barro, mas agora sem a indigesta presença das minas. Uma hora depois do atalho, eles finalmente alcançam o alvo: Castelnuovo.

- Sim, aqui é Castelnuovo – comemora Souza.

São cerca de 20 casas fincadas em cima do morro. O aroma do lugar é ainda um aroma que lembra luta recente. Sinais de sangue em trincheiras ainda não faltam e até mesmo um pouco de fumaça sai de duas casamatas próximas. Os soldados desembarcam e se separam para iniciar o serviço de faxina.

Carlos e o sargento Souza vão em direção a um pequeno prédio que parecia ter um balcão com muitas cartas. Várias delas estão caídas no chão, algumas estão até mesmo chamuscadas. Eram todas cartas de soldados alemães que não tiveram tempo de ser enviadas para suas famílias. O lugar parecia ser um posto avançado de Correios ou algo similar.

Carlos, amante da leitura e da escrita, se abaixa e começa a garimpar o que poderia ser aproveitado de lá. Já o sargento vai para os fundos onde parecia ser uma cozinha. O fogão continuava aceso. Sinal de que os tedescos foram pegos de surpresa. Enquanto o sargento segue na busca em todos os demais cômodos, Carlos fica imerso lendo as cartas com as histórias de rostos inimigos desconhecidos que jamais conheceria. Eram cartas de amor, cartas para mães, para filhos. Eram cartas e mais cartas. Iguais àquelas que ele adorava escrever para a família dele. De repente, ele ouve um grito:

- Carlos!!! – era o sargento chamando Carlos pela quinta vez.

O soldado sai então do seu transe literário e volta para a realidade.

- Desculpe, sargento.

- Vamos, Carlos. Vamos sair daqui. Temos muito mais ainda para vasculhar.

E os dois saem do agora destruído prédio de Castelnuovo. À direita, Carlos ainda vê a casa do mais recente morador da vila. Era uma cova ainda aberta provavelmente feita na noite anterior e com uma cruz cravada. Era para o corpo de um soldado alemão que deve ter falecido no último confronto. Sobre a cruz, Carlos ainda vê todos os objetos identificadores do alemão como a chapa metálica com o tipo de sangue, além de medalhinhas de alumínio de São Jorge e São Tiago. Alguém deveria ter deixado isso lá também para ser encontrado pelos brasileiros e Carlos foi o eleito para tal. Então ele chama o sargento, mas antes de começar a falar, Souza já olhando para ele se antecipa pegando uma pá:

- Eu sei Carlos, precisamos acabar o serviço.

Então Carlos também pega uma outra pá que estava ao lado da cova e, em respeito àquela alma, os dois terminam de enterrar o corpo com todo o cuidado jogando mais terra até nivelar com o nível do solo ao lado.

UNS VOLTAM AO BRASIL E UNS FICAM NA ITÁLIA

Alguns dias se passam e Carlos continua deprimido em sua cama no barracão quando o sargento Souza chega avisando.

- Rapaziada, levantar! O capitão Guimarães está aqui.

Todos se levantam e fazem a posição de sentido. O capitão passa em revista a tropa e antes de sair, chama Carlos para conversar:

- Soldado, me acompanhe, por favor.

Carlos e o capitão saem do alojamento e o capitão para logo na saída.

- Vim também hoje aqui especialmente para trazer uma notícia para você – diz o capitão.

Carlos se preocupa.

- E sobre o Gustavo, não é, capitão? Ele morreu, não é?

O capitão faz um olhar pensativo e tira um papel do bolso e dá para Carlos. Ele pega o papel e vê que é um bilhete. Então começa a ler:

“Amigo Carlos, já estou melhor, mas infelizmente não poderei voltar para a guerra. Vontade não me falta, mas como você mesmo me disse certa vez, ordens são ordens. Mas eu gostaria de vê-lo mais uma vez antes de voltar ao Brasil...”

O capitão diz já interrompendo a leitura de Carlos:

- O que está esperando, soldado? Vá lá vê-lo! Ele deverá partir em breve.

O capitão dá para o soldado o local do hospital em que Gustavo estava e Carlos vai ao seu encontro.

Já chegando ansioso ao hospital em Pizza, Carlos está na entrada e pergunta:

- Por favor, onde está o soldado Gustavo Viana?

Uma enfermeira escuta e diz:

- Senhor, por favor me acompanhe. Vou levá-lo até lá.

Os dois seguem para o quarto. No caminho, Carlos vê um pouco mais das terríveis consequências da guerra. Em dos corredores, ele vê uma maca. Deitado nela, um cabo com estilhaços profundos no ventre. Alguém diz:

- Foi uma mina.

Logo após passa um pracinha andando com um pano encharcado de sangue na mão esquerda. Uma granada quase havia lhe arrancado a mão na véspera.

O hospital estava cheio. Era um pouco do saldo remanescente do mês de “Castelo”. Por conta da última batalha de Monte Castelo, fevereiro havia fechado com recordes de

feridos e acidentados. Foram 381 feridos e 828 acidentados contra 40 feridos e 64 acidentados em janeiro.

Já no quarto, há mais dez feridos e quando Carlos se aproxima de cama de Gustavo, o amigo deitado em seu leito, diz:

- Carlos, é preciso mais do que uma ou duas balas para me derrubar.

Os dois se abraçam. Gustavo ainda está com o tórax enfaixado. Ele havia tomado um tiro no pulmão. Gustavo continua a falar:

- Estarei embarcando para o Brasil amanhã de manhã. Nunca te disse, mas aquela casa que explodiu naquela noite perto do cemitério de Africo era a casa da Giovanna. No momento achei que ela tinha morrido. Mas eu tenho certeza que ela está viva ainda. Eu sinto isso. Enquanto estive aqui no hospital, eu tentei localizá-la. Mas preso aqui fica difícil. Eu só consegui saber que eles já não estão mais morando naquela casa.

- Eu também, nunca mais consegui achar a minha linda Bruna – diz Carlos.

- É esta maldita guerra, Carlos. Tudo culpa da guerra. Mas amanhã então, você pode vir aqui para a gente se despedir pelo menos.

- Claro, Gustavo. Eu virei. Estamos de folga esses dias. Agora descanse e até amanhã.

Os dois se despedem e Carlos vai embora.

No dia seguinte, Carlos chega na frente do hospital. Na rua haviam vários caminhões de transporte de tropas. Os feridos já estavam embarcando para o porto. Então, Carlos vê o amigo Gustavo e vai até lá:

- Gustavo, então é isso, não é? A gente só vai se ver agora no Brasil – diz Carlos verdadeiramente achando que nunca mais veria Gustavo. Afinal, ele sabia que a vida dos dois tomaria rumos diferentes e seria quase impossível encontrá-lo no Brasil novamente.

Carlos continua falando:

- Mas antes eu tenho uma surpresa para você.

- O que é Carlos?

Carlos então acena e ao longe surge Giovanna. Carlos tinha conseguido achar Giovanna que também passou os últimos tempos tentando encontrar Gustavo. Giovanna se aproxima e Gustavo se emociona. Então os dois se beijam. Carlos, que vê a cena muito feliz, sente alguém tocar em suas costas. Era Bruna. Giovanna tinha vindo com Bruna, mas também quis fazer uma surpresa para Carlos. Enfim, os dois casais estavam lá novamente juntos. Os dois casais se beijam.

Giovanna pede para ir junto com Gustavo na embarcação de transporte para o Brasil. O capitão Guimarães ao ver a cena, acaba autorizando sua viagem sob a condição de Giovanna levar seus documentos para sua entrada no Brasil.

Todos se despedem. Gustavo e Giovanna no caminhão rumo ao Brasil e Carlos e Bruna abraçados e em pé na rua acenado para o caminhão se distanciando.

Então a guerra finalmente estava acabando para Gustavo da melhor forma possível. Ele e Giovanna, já embarcados no transporte marítimo, observam a cidade de Nápoles se distanciando ao nascer do Sol. Já para Carlos, a guerra ainda era a sua realidade.

Dias e semanas se passam e as manchetes que Carlos tinha acesso eram as melhores possíveis. Notícias nos jornais como “A campanha na Itália está quase no fim.” ou “A Alemanha está quase se rendendo.” ou ainda “Os pracinhas deverão voltar para casa em breve.”

Sozinho no alojamento, Carlos escreve mais uma carta para a sua família:

Pais,

Estamos ganhando a guerra! Sinto que falta muito pouco para tudo isso acabar. Conheci uma italianinha linda. Ela se chama Bruna. Pretendo me casar com ela. Talvez eu fique um pouco mais de tempo por aqui na Itália depois que a guerra acabar para a ajudar a família dela a reconstruir a vida. Não se preocupem. Saudades do filho Carlito.”

A AMBULÂNCIA SUSPEITA

Em um dos últimos fronts em que Carlos esteve presente, um fato suspeito instigava todos os brasileiros entrincheirados no local. Lá era um dos melhores postos de observação que Carlos teve o prazer de estar. De lá podia-se ver toda a movimentação dos alemães através de um bosque de pinheiros. Os “tedescos” estavam somente há uns 300 metros de distância ao norte. Mas o que intrigava a todos era o fato de uma inquieta ambulância sempre passar correndo diariamente nos mesmos horários. Era um vai e vem com hora marcada. E todos questionavam que era impossível os mortos e os feridos alemães marcarem hora para morrer. Sabia-se que em outros pontos do front, os nazistas haviam se aproveitado desse recurso utilizando uma viatura pacífica para transportar armas, munições e homens. Havia reuniões intermináveis entre os oficiais locais para se decidir o que fazer com esse assunto. Uns falavam para acertar o intrépido veículo com morteiros, outros eram mais moderados. Mas o fato é que ainda não se tinha chegado num consenso sobre o assunto.

Em certa manhã, Carlos toma uma atitude. Pede permissão para o sargento Souza para fazer uma vistoria secreta na próxima vez em que a ambulância passasse. O sargento Souza autoriza a ação deste soldado que a guerra deixava cada vez mais destemido.

Eram 11 horas da manhã. Um dos horários marcados para a retirada de feridos do front alemão. E Carlos continua na vigília. E não tarda para surgir na estrada a já conhecida companheira ambulância de todos os dias. Ela passa na estrada e estaciona cerca de 500 metros do local onde Carlos estava escondido.

Carlos, então, vai se aproximando lentamente e com cuidado. Já bem mais perto, ele vê dois soldados alemães saírem do veículo e levar algumas caixas de munição para trincheiras nazistas um pouco mais distantes. A ambulância parecia estar estacionada cuidadosamente em um ângulo para esconder a movimentação de materiais que havia atrás dela. Mas agora Carlos e somente ele estava tão avançado a ponto de enxergar o que realmente estava se passando lá.

Ele se aproxima mais e mais do veículo sabendo que a dupla de soldados ainda estava ocupada descarregando a carga lá nas trincheiras inimigas. Ele abre a porta do motorista e percebe que a chave ainda estava na ignição do carro. Ele rapidamente pega a chave e sai correndo de volta para as posições brasileiras. Mas com o barulho da corrida, os tedescos percebem sua presença e começam a atirar. Carlos se joga no chão molhado de lama e cai rolando em um barranco rumo à segurança das linhas aliadas.

Cheio de barro, ele consegue alcançar o primeiro pracinha avançado. De lá ele consegue enviar a mensagem para atacar imediatamente o pseudo veículo médico.

Instantes depois, ele e todos os pracinhas próximos escutam a explosão e a posterior fumaça negra. Então ele diz para o colega do lado na trincheira.

- E era uma vez a nossa suspeita. Agora ela não terá mais histórias para contar.

MONTESE E OS 5 ÚLTIMOS NAZISTAS

Os avanços aliados eram cada vez mais eficientes. A força nazista parecia mesmo começar a desmoronar. Não sem muita luta e sofrimento ainda. E a batalha de Montese vinha para provar isso.

Lá foi um exemplo de uma guerra casa a casa, homem a homem. Montese era um lugar espetado num topo suave com sua bela torre medieval, além de casas coloridas e monumentos.

Com a brava luta dos exércitos, toda essa cor acabou se esvaindo em muitas ruínas. E lá estavam Carlos, Augusto e o sargento Souza entre outros.

Após dias de batalha, os pelotões brasileiros tinham conseguido cercar os poucos alemães resistentes na igreja. Apesar do permanente bombardeio alemão vindo de colinas mais a frente, era preciso conquistar o território da cidade e só faltavam esses poucos integrantes cercados entre as paredes santas da igreja.

Em uma trincheira, Carlos vê o capitão Guimarães em reunião com outros oficiais cerca de 20 metros atrás dele. Eles estavam com um desenho que parecia ser da igreja. Era muito provável que estava sendo planejado um plano para invadir a igreja. Carlos tenta se concentrar nos gestos e na movimentação dos oficiais na reunião. A curiosidade dele estava aumentando à medida que o frio aumentava na cidade. Ele sabia que logo mais todos sairiam de lá com ordens de invasão da igreja para os seus batalhões e Carlos estaria incluído nessa invasão perigosa.

Dito e feito, logo mais a reunião acaba e todos os oficiais vão em direção às suas respectivas tropas. E, após receber suas próprias ordens, o sargento Souza retorna para a sua trincheira falando:

- Preparem-se, homens! Nós vamos invadir pela porta lateral da esquerda.

Os demais pelotões tinham também suas missões específicas na invasão. Não se sabia ao certo quantos tedescos sobravam dentro da igreja. Informes parciais davam conta de cerca de 30 homens contra 200 pracinhas que os cercavam do lado de fora. A ordem é dada:

- Avante, homens!

O sargento Souza segue e chega na frente da porta lateral. Ele chuta a porta. E o pelotão invade. Carlos e Augusto entram já atirando e se esquivando dos tiros nazista. Foi um caos.

- Cuidado! – grita um pracinha.

- Fui atingido! – se desespera outro.

- Ali no canto um alemão! – avisa um terceiro praça.

Ninguém sabia mais quem era quem. Foi tanto tiro que a munição de Carlos acabou. Então, ele se esconde atrás de uma pilastra, mas dá de cara com um alemão apontando seu revólver para o seu peito. O alemão atira, mas a munição dele também tinha acabado.

Carlos pula em cima do alemão e dos dois saem em luta corporal no meio do caos. Mas antes que Carlos pudesse desferir um segundo golpe, ele sente muito sangue em seu casaco. Ele não entende. Ele não estava sentindo nada. Não estava ferido. Seria a adrenalina que estava neutralizando a dor? Mas logo ele percebe o seu oponente desfalecendo e atrás dele Augusto de arma em punho. Augusto tinha atingido em cheio o seu inimigo. Ainda deitado, Carlos se vira para a frente da igreja e vê uma cena que jamais sairia de sua mente no futuro. A porta se abre e os cinco nazistas remanescentes são alvejados na frente da igreja. Enfim, a tomada de Montese estava concluída. Pelo menos a tomada física, visto que eles não sabiam ainda, mas a cidade ainda sofreu muitos bombardeios de morteiros nazistas provenientes das colunas mais a frente durante os dias que se seguiram. Inclusive nem a famosa torre medieval da cidade não iria resistir a mais isso, desabando dias depois.

BATALHA FINAL

Com a guerra parecendo chegar ao seu final, os pracinhas tiveram alguns momentos de tranquilidade. Carlos aproveitou essa fase e o tempo que teve para se aproximar cada vez mais de Bruna. Fizeram muitos passeios ao entardecer nas belas paisagens italianas, correndo pelas pastagens, brincando e dando muitas risadas.

E fizeram muito mais do que isso nesses passeios românticos. Muitos abraços e beijos e tudo mais que tinham direito. Enfim, eles aproveitaram muito esse período de breve trégua.

Mas Bruna sempre se mostrava preocupada com as batalhas que estariam por vir ainda. Porém Carlos sempre dizia para ela que não era mais necessário ficar apreensiva, pois o fim da guerra era uma questão de poucos dias.

Então, Carlos é convocado para uma batalha na região de Turim. Bruna se preocupa, mas não havia o que fazer.

Então o dia 2 de maio de 1945 chega e Carlos já se vê novamente em meio a caminhões, jipes e tanques que avançam rumo ao morro.

Os primeiro tiros já se ouvem. Carlos e seus companheiros marcham juntos. Quanto mais avançam, mais explosões e tiros ocorrem. Começa então um ataque ofensivo alemão. A tropa brasileira se dispersa e o sargento Souza e Carlos correm. Eles acabam isolados em uma trincheira. Quando se jogam na trincheira, o sargento fala:

- Tudo bem com você, Carlos?

- Tudo e com o senhor?

- Tudo em ordem. Ainda não fui atingido – brinca o sargento – Mas precisamos arranjar um jeito de sair daqui o quanto antes. Estamos completamente isolados do pelotão.

O sargento tenta fazer um movimento na busca por uma saída. Se levanta um pouco, mas tiros são disparados e passam ao seu lado. Carlos então diz:

- É, sargento. Acho que teremos que esperar pelos alemães aqui mesmo. Se continuar assim, em breve eles irão nos capturar.

- Se abaixe aí e vamos esperar mais um pouco – fala o sargento com esperança.

Anoitece e os dois continuam presos no mesmo lugar e ainda ouvindo tiros e explosões. Ambos sabem que não podem sair dali sob o risco de morte imediata. Mas os tiros começam a cessar e o sargento diz:

- Acho que está acabando. Eu só não sei quem é que está vencendo.

- Não está acabando não. Já acabou – diz Carlos.

-Acabou o quê?

- Acabou a guerra!

- Está doido, Carlos? Umas horas de trincheira e você começa a ter devaneios e alucinações?

- Não, sargento. Veja esta calma. Nunca vi isso tão silencioso.

Então, Carlos se levanta confiante.

- Se abaixe! – grita o sargento – Isso é uma ordem, soldado!

Carlos não dá ouvidos e fica de pé. Logo depois, ambos ouvem assobios de longe. Como estava escuro, só se via um vulto. O sargento ainda mais preocupado com a situação, ordena:

- Abaixem-se, Carlos! Isto vai lhe valer uma punição severa, soldado!

Carlos mais confiante ainda e com uma expressão de liberdade diz:

- Acabou, sargento!

O vulto se aproxima e Carlos não se abaixa. Aos poucos vai surgindo um soldado brasileiro. Ele vai se aproximando de Carlos e Souza e diz:

- Ei... vocês!

- O que foi? – pergunta o sargento.

- Os alemães... eles se renderam! A guerra acabou!!!

- Acabou???? – pergunta o sargento mais do que surpreso.

Levando os braços para cima e comemorando, os três então calmamente seguem para a base do Brasil na região.

O RETORNO AO RIO DE JANEIRO

Três anos depois em 2 de julho de 1948 e um pouco mudados devido ao tempo, Carlos, Bruna e seu filho de 2 anos estão chegando de navio no porto de Rio de Janeiro. Carlos diz para a Bruna vendo o lindo horizonte da cidade na baía de Guanabara:

- Não é bonito o meu país, Bruna?
- Belíssimo – brinca ela.

A cada metro que o navio se aproxima para atracar, o olhar de Carlos é cada vez mais um olhar de alguém muito ansioso por chegar.

Assim que os acessos do navio são liberados, Carlos e sua família finalmente pisam em solo brasileiro e Carlos fala:

- Vamos! Quero mostrar para vocês o lugar onde tudo isso começou para mim.

Carlos chama um táxi e pede para o motorista ir direto para Copacabana.

- Aqui! Aqui mesmo! Pode parar seu motorista – fala Carlos ao ver a rua do Bar do Zé.

Carlos paga a corrida e eles caminham rumo ao Bar do Zé. O bar em que seu amigo Gustavo tinha zombado dele antes de conhecê-lo. Ao chegar na frente do Bar, Carlos se sente como se fosse naquele dia em que ele era apenas um menino sozinho em uma cidade estranha em busca de conhecer amigos para lutar junto uma grande batalha. Batalha essa que o transformaria totalmente. Hoje, Carlos era um homem seguro com uma família. Mesmo assim, Carlos hesita na frente do bar. Parece que aquele menino de antes poderia surgir novamente a qualquer momento. Mas não. A guerra realmente o transformara em um homem forte e mais maduro. Carlos definitivamente não era a mesma pessoa de antes.

Carlos ainda olha para lugar. Diferentemente dele, o bar tinha mudado muito pouco. Estava tudo muito parecido. Mas ele toma coragem e entra. Mas pede que Bruna espere com seu filho do lado de fora. Isso era uma coisa que Carlos sabia que tinha que enfrentar sozinho.

Ele entra procurando o lugar onde ele tinha visto pela primeira vez Gustavo e os demais pracinhas. A mesa estava vazia. Sua ingênua esperança era poder rever seu amigo lá, visto que ele nunca mais tinha tido notícias de Gustavo desde aquele dia na Itália.

Já quase desistindo, Carlos se vira e olha para uma parede do lado oposto ao da mesa. Era a parede atrás do bar. E ele se emociona. Lá estava na parede aquela cruz que ele havia encontrado na igreja da Itália e entregue para Gustavo. Logo em seguida, ele ouve alguém na direção do bar falar:

- Amor, Giovanna, preciso de duas cervejas para a mesa 3.

Era uma voz conhecida para Carlos. Sim... era a voz de Gustavo. Carlos então se vira e vê Gustavo saindo da cozinha e indo para o bar. Gustavo também percebe a presença de Carlos nesse mesmo instante. Eles se emocionam e se abraçam. Gustavo então fala:

- Meu amigo, meu grande amigo! O que faz aqui? Você está muito bem! Mas como me encontrou aqui?

Carlos diz brincando:

- Não foi difícil, mesmo sem ter nenhuma notícia sua desde aquele dia.

- Giovanna! – grita um Gustavo feliz como se fosse um autêntico italiano. Com a convivência com a mulher, Gustavo parecia ficar cada vez italiano mesmo.

- Giovanna – grita ele novamente – Venha aqui! É o Carlos! Hoje vamos fechar o bar mais cedo, querida!

Giovanna sai curiosa e juntamente com o seu pequeno filho que tinha tido com Gustavo, encontra o motivo da felicidade do marido. Ela vê Carlos. Giovanna e Carlos se cumprimentam e ela pergunta:

- E a Bruna, Carlos? Nunca mais a viu?

Carlos com um sorriso maroto fala:

- Eu tenho mais uma surpresa para vocês. Esperem um pouco aqui.

Carlos sai do bar e volta depois de instantes trazendo consigo Bruna e seu filho. Giovanna sai correndo para abraçar Bruna. Elas se abraçam e choram emocionadas. Todos se sentam em uma mesa do bar e ficam conversando por horas.

Gustavo então resolve mesmo fechar mesmo o bar mais cedo e convida:

- Vamos caminhar na praia?

Então ao entardecer do Sol em Copacabana, as duas famílias andam pelo calçadão. Os pequenos filhos começam a brincar e os pais olham com muito orgulho. Gustavo olha para as duas crianças e depois fala para Carlos:

- É... parece que está nascendo mais uma grande e longa amizade.

- É isso aí – concorda Carlos.

FIM

